

ELAINE DE CÁSSIA GONÇALVES DOS REIS

**UM ROSTO QUE CONTÉM VÁRIAS FACES:
REFLETINDO SOBRE A VIDA ATUAL E FUTURA
COM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO
PÚBLICO NOTURNO**

ELAINE DE CÁSSIA GONÇALVES DOS REIS

**UM ROSTO QUE CONTÉM VÁRIAS FACES:
REFLETINDO SOBRE A VIDA ATUAL E FUTURA
COM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO
PÚBLICO NOTURNO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida
– PUC-Campinas, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof^a Dr^a Vera Lucia Trevisan de Souza

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

370.15 Reis, Elaine de Cássia Gonçalves dos.
R375r Um rosto que contém várias faces: refletindo sobre a vida atual e futura com adolescentes do ensino médio público noturno / Elaine de Cássia Gonçalves dos Reis.- Campinas: PUC-Campinas, 2019. 201 f.

Orientadora: Vera Lúcia Trevisan de Souza.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.
Inclui anexo e bibliografia.

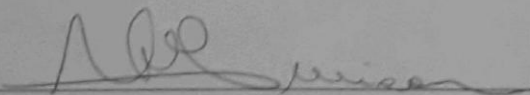
1. Psicologia escolar. 2. Ensino de segundo grau - Psicologia. 3. Arte - Psicologia. 4. Psicologia do adolescente. I. Souza, Vera Lúcia Trevisan. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 370.15

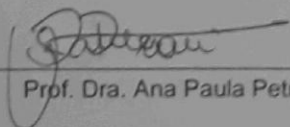
ELAINE DE CÁSSIA GONÇALVES DOS REIS

UM ROSTO QUE CONTÉM VÁRIAS FACES:
REFLETINDO SOBRE A VIDA ATUAL E FUTURA
COM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO
NOTURNO

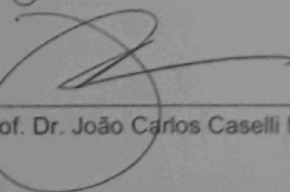
BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza



Prof. Dra. Ana Paula Petroni



Prof. Dr. João Carlos Caselli Messias

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. **Vera Lucia Trevisan de Souza**, por respeitar o meu processo e por compreender as minhas escolhas. Admiração, gratidão, respeito e carinho por você!

À Profa. Dra. **Lilian Aparecida Cruz Dugnani**, pela leitura cuidadosa e atenciosa. Suas contribuições foram essenciais para o processo de aperfeiçoamento da escrita desta pesquisa.

À Profa. Dra. **Ana Paula Petroni**, que me inspira desde o meu ingresso no Grupo PROSPED, possibilitando importantes compreensões sobre a atuação mediada pela arte.

À Profa. Dra. **Márcia Hespanhol Bernardo**, que contribui para o despertar de reflexões e aprendizados em suas aulas. Agradeço ainda pelas contribuições na ocasião da qualificação. Carinho e admiração!

Ao Professor Dr. **João Carlos**, por ter sido uma grata surpresa em meu processo de finalização desta pesquisa. Obrigada pelo cuidado, carinho e respeito; Gratidão e respeito!

À **escola**, onde realizei esta pesquisa. Lugar onde encontrei receptividade e confiança; gratidão a todos: **Direção; Coordenação; Professores; Supervisores; Equipe de Organização e Limpeza.**

Aos **alunos do Ensino Médio**, sujeitos desta pesquisa, pelo compartilhamento de suas histórias e pela confiança depositada em nós do Grupo PROSPED. Minhas recordações sempre serão sublinhadas por seus olhares atentos e sorrisos largos.

A todos os **amigos do Grupo PROSPED** pela parceria, amizade, planos e realizações de projetos; que foram tão importantes no processo de desenvolvimento desta pesquisa. Em especial às amigas: **Vânia, Beatriz, Tatiane, Maura e Fernanda**; que trouxeram carinho, ouvidos atentos, conversas significativas e abraços fraternos nos momentos em que mais precisei; gratidão e amizade por vocês, sempre!

Ao artista **Sergio Ricciuto Conte** pela sensibilidade, carinho e profissionalismo atribuídos a esta pesquisa. Gratidão e parceria!

Aos **meus pais, minha irmã e irmão** que são o meu alicerce em todos os momentos e ao **meu esposo** pelo apoio, companheirismo e presença constante em todos os meus dias. Gratidão e amor!

Ao **Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas**, especialmente às secretárias, Amélia e Elaine, pelo apoio e contribuições nos processos burocráticos que emergiam em cada semestre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Depois de hoje
a vida não vai mais ser a mesma
a menos que eu insista em me enganar
aliás
depois de ontem
também foi assim
anteontem
antes
amanhã*

(Paulo Leminski)

Reis, Elaine de Cássia Gonçalves. *Um rosto que contém várias faces: refletindo sobre a vida atual e futura com adolescentes do ensino médio público noturno*. 98p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas.

RESUMO

A presente pesquisa teve como base teórico-metodológica a Psicologia Histórico-Cultural, assentando-se nos conceitos de Vigotski, notadamente aqueles da “Psicologia da Arte”, compreendendo a potência dessa linguagem para fazer emergirem emoções, contradições e reflexões, como meios de favorecer o desenvolvimento da consciência sobre si e sobre o mundo. Norteou-se pela seguinte questão: que ações do psicólogo escolar podem promover novas compreensões dos alunos do Ensino Médio sobre suas condições de vida atual e futura? Deste modo, buscou-se investigar o potencial das ações do Psicólogo Escolar na mobilização de vivências de alunos do Ensino Médio Público sobre suas vidas. Trata-se de uma pesquisa-intervenção com estudantes do 2º ano do Ensino Médio noturno de uma escola pública estadual, localizada na periferia de uma cidade no interior de São Paulo. Foram realizados encontros semanais que envolveram a apreciação e a produção de diferentes materialidades artísticas, a saber: músicas, filmes, fotografias, documentários, pinturas e desenhos; além de oficinas com profissionais que atuavam em áreas de interesse dos estudantes. Os resultados revelaram que as ações promovidas com os adolescentes, mediadas pela arte, possibilitaram reflexões sobre as questões cotidianas e sobre o que pensam em relação ao futuro, contribuindo para a ampliação da consciência de si e da realidade. Portanto, concluímos que o uso de diferentes expressões artísticas mostrou-se potente para a ação do psicólogo, capaz de possibilitar reflexões, que resultam na ampliação da consciência, emersão de emoções e promoção da imaginação dos adolescentes.

Palavras-chaves: Adolescência, Psicologia Escolar, Psicologia Histórico-Cultural, Ensino Médio.

Reis, Elaine de Cássia Gonçalves. *A face that contains multiple faces: reflecting on current and future the life with night public high school adolescents*. 98p. Dissertation (Master in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas.

ABSTRACT

The present study was based on the concepts of Cultural-Historical Psychology, especially those from Vygotsky in his work “Psychology of Art”. Thus, it was assumed the power of art to emerge emotions, contradictions, and reflections as means of developing awareness about oneself and the world. The research was based on the following question: what actions of the school psychologist can promote new understandings of high school students about their current and future living conditions? We sought to investigate the potential of school psychologist’s actions in the mobilization of experiences of public high school students about their lives. This intervention research was developed with students from the second year of high school at a state public school located on the outskirts of a city in São Paulo state. Weekly meetings were held involving the appreciation and production of different artistic material, such as: music, movies, photographs, documentaries, paintings, and drawings; as well as workshops with different invited professionals who worked in areas of students’ interest. The results indicate that the actions mediated by art promoted by the school psychologist with high school students enable reflections on daily and future life issues, which contributes to the enlargement of consciousness regarding themselves and their reality. Therefore we conclude that the use of different artistic expressions has shown to be potent for the school psychologist’s action once it is capable of promoting reflections which results in the expansion of consciousness, emerging emotions and student’s imagination development.

Keywords: Adolescence, School Psychology, Cultural-Historical Psychology, High School.

SUMÁRIO	RESUMO	8
ABSTRACT		9
1. INTRODUÇÃO		12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....		20
2.1. A Psicologia Escolar no Brasil		20
2.1.1. Os caminhos do psicólogo no contexto escolar		21
2.2. A Psicologia Escolar e suas contribuições para o desenvolvimento humano.....		22
2.2.1. Psicologia Escolar e atuação profissional		23
2.2.2. A escola vista como um contexto social		25
2.3. Adolescência e Educação no ensino médio: o trabalho e futuro em questão		26
2.4. A Psicologia da Arte em contextos educativos.....		32
3. METODOLOGIA.....		34
3.1. Concepção teórico-metodológica.....		34
3.2. Contexto e cenário da pesquisa.....		34
3.3. Participantes da pesquisa		36
3.4. Delineamento da pesquisa.....		36
3.5. Plano de análise.....		37
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS		38
4.1. Refletindo sobre condições de vida e existência com adolescentes.....		40
4.2. Voando para dentro: o lugar de dores, cores e gratidão.....		54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		76
6. REFERÊNCIAS ILIOGRÁFICAS.....		78
ANEXOS		82



1. INTRODUÇÃO

A imagem que abre esta introdução é uma criação do artista Sergio Ricciuto Conte, nomeada por ele de “*Só a arte salva*”. Inspirado por algumas informações e resultados parciais desta pesquisa- intervenção, o artista me descreveu o que para ele se constituía como a imagem representativa do trabalho que temos desenvolvido junto aos adolescentes no Ensino Médio. Sua fala ressaltou, a nosso ver, a importância das ações do psicólogo na escola, sobretudo quando lança mão da arte como instrumento de intervenção. Ferramenta esta, tal como acreditamos, para a transformação dos sujeitos e da realidade escolar.

Sergio discorreu:

“Quando você me conta sobre essa ação do psicólogo com os alunos do Ensino Médio, imagino um rosto de perfil, composto por vários rostos. Vou lhe dizer, me inspira a imaginar esse rosto, onde no limite da cabeça aparece uma paleta, como se esse limite fosse cortado por uma paleta com cores vibrantes. Imagino também um chapéu do século passado e uma queda de elementos musicais e literários; me faz pensar que o estilo desse rosto é bastante colorido, e ao mesmo tempo com volumes, despontando esses vários rostos que representam a coletividade, o trabalho em grupo, a vontade de conversar, da busca por uma verdade comunitária. E esse rosto direcionado para um horizonte... imagino muitas cores na paleta, vendo a questão da arte nessa sua ação como pista para a verdade. A cabeça que se abre a uma verdade para além do próprio umbigo, para além de si e que vai ocupando seu lugar no tempo e no espaço!”

(Artista Sergio Ricciuto Conte em 12 de outubro de 2018, após conversar com a psicóloga-pesquisadora Elaine de Cássia Gonçalves dos Reis sobre o trabalho do Psicólogo Escolar na mobilização de vivências de alunos do ensino médio público sobre suas vidas: atual e futura).

As possibilidades proporcionadas pela arte serão aqui apresentadas a partir da descrição de nosso modo de atuação na escola e, principalmente, por meio das produções realizadas pelos alunos. Após a apreciação de diversas formas artísticas, como fotografias, músicas, documentários, filmes, dentre outras, que buscamos oferecer aos estudantes, estes através da escrita, com textos e poemas, ou ainda, desenhos, expressaram as afecções que a arte é capaz de provocar e a mudança de emoções, sentimentos, pensamentos, opiniões que os permite, assim como aponta o artista, se aproximarem da verdade que está para além da vida cotidiana, para além dos muros da escola.

Feita essa breve síntese introdutória a respeito do que se trata o presente estudo cabe, por hora, expor de que maneira a temática aqui abordada constituiu-se para mim como interesse de pesquisa. Desde o Ensino Médio, o contexto escolar foi um alento e uma referência essencial para a construção de minhas projeções futuras. A minha escolha pelo curso de Psicologia, por exemplo, se deu ainda durante essa etapa escolar, principalmente a partir de interesses mobilizados pelas aulas de filosofia, literatura e artes, que favoreceram a atribuição de novos significados e sentidos à minha vida e ao meu futuro.

Na graduação em Psicologia, tive diversos encontros: comigo mesma, com a minha história, com o outro; vivências estas que foram essenciais para o meu desenvolvimento profissional. Na faculdade, os assuntos referentes à adolescência e ao processo de escolhas profissionais me atraíam significativamente. No trabalho de conclusão de curso, propus um estudo cujo tema versava sobre como se sentiam os estudantes durante o ingresso em um curso superior e os resultados da pesquisa, naquele momento, me levaram a diversos questionamentos: por que muitas vezes é tão difícil escolher? Que ideias sobre o futuro amedrontam os jovens e os fazem duvidar de suas escolhas?

Após a conclusão do curso de Psicologia, em parceria com outro psicólogo, tive a oportunidade de elaborar e executar um projeto destinado a adolescentes que cursavam o Ensino Médio em escolas públicas no interior de Minas Gerais. O projeto preconizava uma diversidade de temas a serem discutidos com os adolescentes, mediante demandas identificadas nas escolas que aderiram quais seriam nossas propostas.

Para além dos aprendizados sobre a Psicologia Escolar durante a graduação, considero que essa experiência me aproximou um pouco mais da atuação nessa área, bem como me despertou um maior interesse em compreender com maior profundidade sobre o desenvolvimento humano na adolescência.

Em 2011, voltei a atuar no contexto escolar, onde realizava atividades com alunos do Ensino Médio em parceria com professores e orientadores pedagógicos da escola em que eu trabalhava. Percebia, com essa atuação, o quanto os adolescentes sentiam-se mobilizados a participar de rodas de conversa, encontros ou palestras que colocavam “futuro e escolhas profissionais” como tema central.

Esta experiência me levou a uma busca por estudos e pesquisas relacionados aos assuntos – escolha profissional e futuro; adolescência; ensino médio – e que, principalmente, trouxessem estratégias de atuação do psicólogo escolar voltadas para o Ensino Médio, ou seja, que não focassem apenas uma atuação clínica, mas que remetessem à atuação no coletivo com ações para o desenvolvimento de trabalhos em grupo, visando à possibilidade de exposição de ideias, reflexões e questionamentos dos adolescentes.

Em meados de 2015, entrei como aluna ouvinte no Grupo Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas (PROSPED), onde encontrei muitas respostas às minhas questões e onde também tenho encontrado espaço para elaborar novas perguntas. Os encontros no grupo favoreceram a retomada de leituras, reflexões e discussões a partir de uma perspectiva crítica, coerente com as minhas buscas teórico-metodológicas. Essas possibilidades de ampliações contribuíram para a minha permanência neste grupo de pesquisa e para a manutenção do meu interesse por desenvolver este estudo.

Várias perguntas foram feitas até a elaboração da questão de pesquisa que apresentarei mais adiante. Algumas destas perguntas, em um primeiro momento, foram: de que modo a área de Psicologia Escolar tem se constituído? Como a prática psicológica na escola tem se configurado? Quais são os caminhos possíveis para aqueles que buscam atuar nessa área, visando o fortalecimento das relações neste espaço? E ainda, como é possível atuar em favor do desenvolvimento de todos os atores do cenário escolar, sobretudo para o desenvolvimento dos alunos? Como contribuir para o desenvolvimento dos adolescentes no Ensino Médio?

Considero importante atrelar essas indagações à concepção da Psicologia Escolar Crítica, que é a perspectiva adotada no grupo PROSPED. A compreensão de Psicologia Escolar Crítica - proposta pelos integrantes do GT de Psicologia Escolar da ANPEPP - considera as dimensões do social e das produções materiais na forma de se conceber a educação e a escola. Todos aqueles que fazem parte do contexto escolar compõem essas dimensões mencionadas, a saber: os alunos, os educadores, os psicólogos, os gestores, as famílias e a comunidade, tornando-os sujeitos (Souza, 2016).

Conforme Silva Neto, Guzzo e Moreira (2014), a perspectiva crítica se propõe a fazer um combate à psicologia hegemônica e ao sujeito fragmentado, declarando-o como um limite necessário para uma reconstrução da ciência psicológica. Dessa forma, pressupõe uma Psicologia que supere a fragmentação que caracteriza os modos de atuação dos profissionais de Psicologia junto aos sujeitos e sua realidade.

Remete-se, portanto, ao que se tem defendido como atuação do psicólogo escolar, visto que é esse profissional, junto aos demais que atuam na escola, que deve propor ações que possam promover o desenvolvimento dos alunos (e outros atores escolares), tentando encontrar formas de superar as demandas que emergem no contexto escolar. Contudo, é preciso compreender que os problemas não advêm do sujeito, mas se manifestam nele, tendo sua gênese na sociedade (Souza et al., 2014; Souza, 2016).

Em coerência com o que se intenta para este estudo, a atuação em Psicologia Escolar Crítica demanda que o psicólogo tenha clareza de qual é o seu objeto de ação, na escola ou em outros espaços educativos. Deste modo, seu foco deve estar nas relações, considerando os sujeitos em um contexto que é datado, histórico, político e econômico, de maneira que se desvelem possibilidades de transformações. Sua ação tem como intencionalidade o sujeito em desenvolvimento (Souza, 2016).

Esta pesquisa-intervenção está vinculada aos estudos que o grupo PROSPED vem desenvolvendo ao longo de mais de uma década. Adota-se como pressupostos teórico-metodológicos os da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo os de Vigotski, que postula o homem como ser social que se desenvolve na relação com a produção cultural humana (Vigotski, 1935/2010).

Os estudos e pesquisas desenvolvidos e também em andamento de nosso grupo propõem um mergulho no contexto educacional, visando conhecer as influências existentes e as relações estabelecidas para que se possa fazer a crítica, ou seja, conhecer para sugerir possíveis transformações, visto que o que se acessa da realidade é somente o que ela aparenta, e não toda a sua complexidade (Souza, 2014).

Com a intenção de acessar a realidade, conforme Souza (2014), no ano de 2016, ainda como aluna ouvinte; acompanhei uma turma que cursava o 1º ano do Ensino Médio em uma escola pública, que é campo de atuação para o desenvolvimento de pesquisas do grupo. Naquele momento, tinha-se como proposta fazer um acompanhamento de todas as turmas da escola que estavam nesse ano escolar. Portanto, tratava-se de um projeto que envolvia outros psicólogos-pesquisadores do grupo, visando atender à demanda apresentada pela escola.

Observando e realizando intervenções percebi, por vezes, que os alunos se comportavam de forma mecanizada durante as aulas, seguindo apenas as indicações de professores para copiar a matéria da lousa ou do livro didático. Frequentar a escola parecia ter um sentido de mera obrigação para aqueles alunos, pois não manifestavam empolgação pelas atividades escolares. Por outro lado, a equipe gestora e os docentes queixavam-se da falta de participação e envolvimento, assim como do baixo desempenho dos alunos, o que aponta um abismo nas relações que se configuram no cenário da escola: com colegas, família, professores, orientadores e demais atores inseridos nesse contexto.

As pesquisas em Psicologia, especialmente as que vêm sendo realizadas nos últimos anos, corroboram novas formas de se compreender a adolescência, abordando-a como um momento importante na constituição do sujeito. Na adolescência, surgem novas formas de pensar, novos interesses e necessidades (Ozella & Aguiar, 2008; Bock, 2004; 2007). As queixas apresentadas pela escola, assim como o que foi identificado na turma de 1º ano do Ensino Médio, despertam algumas reflexões: a que estaria relacionado ao não envolvimento dos alunos? Como promover, no contexto escolar, situações que despertem o interesse dos adolescentes, ou seja, que considerem suas novas formas de pensar, seus interesses e necessidades?

Em Vigotski (1934/2012), vemos que a adolescência não deve ser compreendida por meio de interpretações naturalizantes, mas sim como idade de transição, que perpassa a complexidade do desenvolvimento sociocultural, com mudanças no pensamento e na conduta do sujeito. De acordo com o autor, este momento revela-se repleto de avanços, e é caracterizado por diferentes saltos no desenvolvimento. Na adolescência, ocorrem saltos qualitativos e significativos para o sujeito, impondo-lhe demandas de pensamentos e posturas diferentes.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, a adolescência é compreendida como um período de crise, em que a experiência que o sujeito adolescente tem disponível a partir de sua infância já não responde às demandas internas e sociais. Segundo Vigotski (1934/2012), os períodos de crise se diferenciam por traços opostos às idades estáveis. Nesses períodos, que podem ser de meses ou anos, se produzem mudanças e deslocamentos, modificações e rupturas na personalidade.

De acordo com Souza (2016), o sistema psicológico, por sua vez, ao ascender a um modo de funcionamento mais complexo, reorganiza-se e novos nexos se formam entre as funções psicológicas, a saber: a emoção, memória, pensamento, atenção, fala, imaginação,

vontade e a formação de conceitos, dando origem a novos modos de interação. A construção de novos nexos, processo que se mantém ao longo de toda a vida, altera o modo como as funções psicológicas se conectam e se relacionam, promovendo a configuração de novos sentidos e significados (Neves, 2015).

Nas intervenções e pesquisas do grupo, ao qual se vincula esta investigação, adota-se a arte, em suas mais diversas formas (filmes, textos literários, pinturas, fotografias, músicas, documentários, dentre outras), como instrumento para promover a expressão das emoções e a reflexão de sujeitos que constituem os diversos grupos que habitam a escola. O grupo entende a arte como uma produção humana e social, que conteria aspectos capazes de despertar em quem a aprecia emoções e significados relacionados à sua forma e conteúdo, em um processo que envolve o sujeito em sua dimensão subjetiva.

É neste sentido que Souza, Petroni e Dugnani (2011), Souza et. al. (2014) e Souza (2016) afirmam que a arte pode ser tomada como materialidade mediadora, pois além de apresentar seu potencial de atingir a subjetividade do sujeito, ela materializa as emoções, fazendo-as migrar, em um processo de elaboração que altera as significações dos participantes das pesquisas em relação à realidade vivida por eles. Fazendo uso desse instrumento de intervenção, esta pesquisa pretende apresentar discussões sobre presente e futuro com os estudantes de Ensino Médio, visando proporcionar um olhar crítico-reflexivo aos alunos participantes e, ainda, oportunizar conversas sobre suas vidas, seja no âmbito atual ou futuro, com relação a profissões, ambientes e ao cotidiano de suas futuras atuações profissionais e possíveis contribuições à sociedade.

Essa discussão se revela importante diante do quadro que se institui atualmente no Ensino Médio. Se por um lado, com uma possível reestruturação que vem sendo discutida, porém ainda não implantada, se espera que os adolescentes façam suas escolhas profissionais com base em um currículo essencialmente voltado para o mercado de trabalho, por outro,

pode-se dizer que o cenário atual do ensino apresenta um baixo nível de aprendizagem e, segundo temos identificado em nossas pesquisas, resulta também em um elevado índice de evasão escolar.

Acreditamos que desenvolver esta pesquisa é importante para criar espaços de diálogo com os adolescentes. Entende-se que cabe ao psicólogo, bem como aos demais profissionais que atuam na escola, promover situações sociais que visem o desenvolvimento de um coletivo e favoreçam a reflexão dos estudantes quanto aos desafios que poderão enfrentar durante o Ensino Médio, a fase pré-vestibular ou, até mesmo, no ingresso aos espaços de trabalho e experiências profissionais.

Provém destas concepções a seguinte questão de pesquisa: que ações do psicólogo escolar podem promover novas compreensões de alunos do Ensino Médio sobre suas condições de vida atual e futura? Ante o exposto, estabelece-se como objetivo geral: investigar o potencial das ações do Psicólogo Escolar na mobilização de vivências de alunos do Ensino Médio Público sobre suas vidas atual e futura.

Como objetivos específicos, temos:

- Identificar as percepções e sentimentos dos adolescentes em relação às suas condições de vida atual e futura;
- Problematizar e analisar como os adolescentes percebem a influência de suas ações no presente em seu futuro;
- Identificar a concepção de futuro para os adolescentes;
- Investigar o potencial das expressões artísticas na promoção da reflexão de alunos do Ensino Médio noturno;
- Refletir sobre uma proposta de atuação do psicólogo escolar com alunos de Ensino Médio.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A Psicologia Escolar no Brasil

*“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer de gente é coragem”.*

(Guimarães Rosa)

A história da Psicologia no Brasil e sua consolidação como ciência perpassam pelo âmbito educacional. Psicologia e Educação mantêm estreitas relações desde o período colonial, como cita Antunes (2003, p. 139), “O estabelecimento de relações entre as práticas educativas e o fenômeno psicológico já se constata, no país, desde os tempos coloniais”. Do mesmo modo que as ideias psicológicas envolviam-se nas concepções e práticas educativas, a área da educação remetia demandas ao saber psicológico. Essa dialética de práticas e saberes contribuiu para o desenvolvimento e a consolidação dessas ciências, em especial da Psicologia como área de saber conquistando um campo prático.

Assim, a educação articulada aos fenômenos psicológicos foi abordada desde o período dos jesuítas, com ênfase nas questões de “aprendizagem, natureza dos determinantes do desenvolvimento psicológico da criança, motivação, processo de formação da personalidade” (Antunes, 2003, p. 141). Percebe-se, então, que o processo de aprendizagem e suas influências percorreram um longo caminho histórico, instigando pesquisadores desde as épocas passadas.

Em 1930, século XIX, começam a serem instaladas no Brasil as Escolas Normais, de nível secundário, nas quais eram realizados estudos sobre metodologia de ensino, desenvolvimento da criança e fatores relacionados à aprendizagem. Assim, configurou-se

mais um importante meio, pelo qual, a ciência psicológica se difundiu no âmbito educacional (Barbosa & Marinho-Araújo, 2010; Antunes, 2003).

Apesar das Escolas Normais apresentarem uma formação pouco sistemática e pouco aprofundada, “na segunda metade do século XIX, a preocupação com as relações entre processos pedagógicos e conhecimentos relativos ao psiquismo apareceram de maneira mais explícita” (Antunes, 2003 p. 146). Percebe-se que aqui começa a se desenhar o cenário da Psicologia nacional, abrindo espaço para o que foi chamada de “Psicologia da Educação”.

Aprofundar os aspectos históricos do desenvolvimento da Psicologia e da Educação no Brasil, ainda que muito importante, foge ao escopo deste trabalho. Sugerimos que os interessados acessem as obras aqui referidas, de modo a ter uma maior compreensão sobre esta construção. Importa-nos, por hora, abordar o que tem sido a atuação do psicólogo que se volta à educação, sobretudo o psicólogo escolar.

2.1.1. Os caminhos do psicólogo no contexto escolar

Como mencionado, ainda que de forma breve, a Psicologia, como ciência e prática social, trilhou os mesmos caminhos que a Educação, tendo sido este um importante meio pelo qual a Psicologia se desenvolveu no Brasil. A partir da década de 1970, práticas com foco individualizado começaram a ser fortemente criticadas, visto que os psicólogos assumiam uma postura clínica na escola e, conforme Antunes (2003, p. 164), “ocupavam-se do atendimento individual de crianças com problemas de aprendizagem fora da sala de aula”.

Isto, por sua vez, também aconteceu em outros setores da sociedade (seleção trabalhadores das indústrias, de militares para guerra, etc.), os educandos eram avaliados através de testes psicológicos que consideravam apenas as características do próprio sujeito, negligenciando as condições socioculturais e pedagógicas. Fazendo “incidir sobre o próprio aluno a determinação dos ditos problemas de aprendizagem” (Antunes, 2003, p. 164).

Mais uma vez, vê-se aqui a culpabilização de um sujeito - retirado do contexto social - por seu fracasso escolar. Neste processo de exclusão, a Psicologia ocupou um papel marcante, deixando traços nocivos na história da Educação e da Psicologia Escolar. Podemos citar como exemplo a inserção das “classes especiais”, para as quais eram encaminhadas crianças com diagnósticos diferentes do que era posto como ideal. Desta forma, calcada em uma prática reducionista, a psicologia atuou reproduzindo e confirmando rótulos e preconceitos no meio escolar.

Os órgãos responsáveis pela profissão, assim como grupos de profissionais comprometidos com a mudança desta situação, iniciaram projetos de discussão e estudos acerca desse aspecto, com o intuito de compreender a realidade e repensá-la. Antunes (2003) vem em defesa de “uma Psicologia Escolar comprometida com a transformação da realidade educacional” (p. 166), relatando que já é possível constatar vários focos de trabalhos deste tipo em desenvolvimento nas escolas brasileiras. Há uma preocupação com a participação coletiva na ação pedagógica, troca de saberes com outros profissionais e uma fundamental produção de conhecimento acerca de processos efetivos de intervenção.

Nesta proposta de trabalho, o foco não é apenas o aluno, mas, conforme Cruces (2010, p. 27), “toda a instituição se torna mais consistente e eficaz, na medida em que as investigações e intervenções são mais adequadas à nossa realidade e se propõe a transformá-la, tornando-a mais justa e mais humana”.

2.2. A Psicologia Escolar e suas contribuições para o desenvolvimento humano

Em um estudo realizado por Araújo e Almeida (2010) no Distrito Federal, visando compreender o ensino público e suas vertentes, bem como estabelecer metas de trabalhos nessa área, obteve-se dados importantes para impulsionar projetos de capacitação e aperfeiçoamento para profissionais que atuam em Psicologia Escolar. Nesta região, a Secretaria de Educação, juntamente com o Instituto de Psicologia da UnB (Universidade de

Brasília), vem trabalhando no sentido de oferecer suporte e subsídios aos profissionais da psicologia inseridos no contexto escolar. Assim, o sistema público de ensino dispõe de um serviço de apoio para alunos em situação de dificuldades no processo de aprendizagem, organizando-se em duas modalidades: atendimento especializado e atendimento preventivo.

Conforme as autoras, o atendimento especializado é composto por uma equipe multiprofissional, das áreas psicológica e pedagógica, que atuam com casos específicos de dificuldades no processo de escolarização. Já o atendimento de caráter preventivo diz respeito à atuação cotidiana do psicólogo na escola. É nesse contexto que o trabalho desenvolvido ganhou coerência e solidez. Percebe-se que “problemas como evasão e repetência, histórias de fracasso escolar e de ocorrências de dificuldades no aprendizado poderiam ser minimizados por meio de uma ação preventiva” (Araújo & Almeida, 2010, p. 60).

A atuação preventiva prioriza o contato cotidiano do psicólogo como seu campo de trabalho. Ele faz parte do quadro de profissionais da escola e está envolvido com as atividades institucionais como um todo, incluindo professores, alunos, família e comunidade. Essa rede possibilita ao profissional uma visão mais ampla, compreendendo a educação como um processo que envolve todo um relacionamento social para além dos muros da escola.

Nesse contexto, o psicólogo vem construindo uma identidade enquanto profissional envolvido em uma equipe de trabalho. De acordo com Araújo e Almeida (2010, p. 63), “ele deve reconhecer-se como agente mediador de reflexão e conscientização das relações existentes no cotidiano escolar”, possibilitando o entrecruzamento tanto de teoria e prática como de profissionais envolvidos no processo, mediando assim, discussões construtivas.

2.2.1. Psicologia Escolar e atuação profissional

Sabe-se que o Brasil é um país sublinhado por desigualdades. Embora muitos estudos e pesquisas busquem maneiras de minimizá-las, há inegáveis disparidades. No campo escolar não é diferente, sendo ele marcado por características de exclusão, reprovação e injustiças

sociais. Cruces (2015), analisando historicamente, verifica que têm ocorrido mudanças no cenário educacional. Foram identificados índices de 97% de crianças em idade escolar frequentando a escola de Ensino Fundamental e o analfabetismo diminuiu na população com mais de 15 anos de idade.

A autora também cita a implantação de projetos de aceleração e complementação escolar em várias partes do país. Tais dados são, de certa forma, questionáveis se nos dispusermos a analisar a qualidade do ensino que vem sendo difundido em grande escala, retratando um perfil ideológico e político com bases em interesses dominantes.

No entanto, é necessário reconhecer que muitas discussões e tentativas de melhorias na educação acerca da evasão escolar e da reprovação vêm sendo propostas em vários pontos do Brasil, sendo que alguns resultados já começam a aparecer de forma considerável. Mas, apesar dos avanços, há ainda inúmeras dificuldades e sérios problemas a serem resolvidos na educação brasileira.

São muitos os estudiosos que têm proposto formas alternativas de atuação do psicólogo escolar, sobretudo com vistas a atender à demanda dos contextos educativos. Vokoy e Pedroza (2007) declaram que o modelo de atuação do psicólogo deve ser fundamentado no paradigma interdisciplinar, contextual e crítico, visto que o trabalho do psicólogo escolar permeia questões relacionadas ao desenvolvimento integral da criança, abrangendo aspectos cognitivos, afetivos e motores.

Souza (2016) afirma que não existem modelos preconcebidos para se trabalhar na escola, mas princípios norteadores de uma prática a serviço da superação da exclusão, da estigmatização e da desigualdade. Entretanto, podem-se referenciar alguns desses princípios norteadores para a prática escolar, tais como: trabalho com os professores, com as crianças, junto às famílias, interdisciplinaridade, estudos e pesquisas de temas pertinentes.

De acordo com Vokoy e Pedroza (2007), o psicólogo escolar deve ter como objetivo junto aos professores encorajá-los a desenvolver, cada vez mais, um papel ativo no processo educacional. Nesse processo, é imprescindível que se desenvolva o pensamento crítico, a fim de uma melhor compreensão da sua atuação profissional.

2.2.2. A escola vista como um contexto social

Sobre o reconhecimento do espaço escolar como um lugar de interação social e da importância dada ao contexto histórico em que o sujeito está inserido, podemos referenciar a obra de Vigotski que, propondo uma psicologia crítica, elaborou conceitos que trouxeram contribuições importantes ao campo educacional (Araújo & Almeida, 2010).

Segundo Antunes (2003), Vigotski desenvolveu e idealizou uma das produções mais significativas na área da aprendizagem, trazendo grande revolução na área da educação no século XX. Apesar de ter morrido jovem, aos 37 anos em 1934, deixou uma gama de trabalhos publicados e outros em construção, retomados mais tarde por seus seguidores. Embora o fechamento político da União Soviética tenha atrasado a divulgação de suas produções, hoje, com o conhecimento praticamente pleno de sua obra, inúmeros pesquisadores desenvolvem trabalhos com base nos escritos de Vigotski.

Sua construção sobre desenvolvimento humano e aprendizagem é consistente, fornece subsídios tanto para o embasamento teórico dos profissionais quanto para sua prática cotidiana, principalmente nas áreas da pedagogia e da psicologia. Dentro dessa linha de pensamento, pode-se considerar a escola como um local privilegiado. Isto porque, depois da família, é um espaço de socialização, pois há que se conviver com pessoas de diferentes histórias e diferentes valores. Tal situação possibilita um contexto bastante rico para a interação e a mediação. A escola é um lugar onde se constrói saberes, edifica-se a cultura, descobrem-se competências e estimulam-se habilidades (Antunes, 2003).

A educação é vista aqui como possibilidade de construção de pessoas ativas, críticas e inseridas num contexto social produtivo. Sendo assim, começa-se a aprender desde a mais tenra idade. Ainda bebês, a partir da nossa relação com os outros, começamos a elaborar nossas representações sobre as coisas ao nosso redor, as pessoas e o mundo. Com o passar do tempo, vamos nos apropriando da linguagem pela mediação do outro, florescendo as relações sociais e compreendendo melhor os elementos da realidade, enfim, aprendendo.

Assim, conforme declaram Araújo e Almeida (2003), o universo cultural que o sujeito faz parte é um meio rico em produções simbólicas, pois o grupo social possibilita a mediação entre a cultura e o sujeito. As possibilidades interativas que ocorrem dentro da escola, contribuem para a construção de aspectos subjetivos e coletivos, organizando e ressignificando o contexto sociocultural.

As autoras, anteriormente citadas, tratam das interações sociais como promotoras do desenvolvimento humano e, conseqüentemente, do processo ensino-aprendizagem. Consideram, também, que para intervir nessa complexa rede de relações é necessário que o psicólogo compreenda que as relações sociais e as apropriações de significados do meio cultural influenciam o desenvolvimento e a constituição da subjetividade do sujeito.

2.3. Adolescência e Educação no ensino médio: o trabalho e futuro em questão

Não pretendemos debater a questão da adolescência neste item, mas sim situá-la no contexto da conclusão do Ensino Médio e do futuro do adolescente, tendo em vista que cada dia mais cedo os jovens são convidados a iniciar sua busca por formação profissional e o ingresso no mercado de trabalho. Vale lembrar que as próprias propostas de mudanças para o Ensino Médio trazem em sua base essa característica. O termo “adolescência” que utilizamos neste tópico visa caracterizar não uma idade cronológica, mas um processo que envolve a aquisição de conhecimentos, um processo imaginativo e relações sociais.

Conforme esclarece Bock (2004, p.32), a adolescência é apresentada na maior parte das produções teóricas da psicologia como sendo “uma fase natural do desenvolvimento, isto é, todos os seres humanos, na medida em que superam a infância, passam necessariamente por uma nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência”. Para o autor, diversas publicações a respeito das características da adolescência possibilitaram que a sociedade, mediada por este conhecimento, passasse a vê-la como uma fase esperada, familiar.

O advento da adolescência configura-se, conforme Bock (2004), como uma criação cultural para intermediar a vida adulta e a vida infantil, a qual foi se consolidando a partir de fatos sociais e das novas relações existentes na vida material em sociedade. Passou a ser vista como um fenômeno social, repercutindo na forma dos homens se relacionarem com suas famílias e com o trabalho. A adolescência é vista como uma forma de identidade, sendo significada como uma moratória social, na medida em que o jovem fica impossibilitado por certo tempo de adentrar a vida adulta, ocasionando um processo de espera.

Existe uma visão bastante preconceituosa e naturalista acerca do que vem a ser a adolescência. Bock (2004) assinala que nossa cultura supervaloriza o adulto produtivo e desvaloriza as outras etapas da vida, por serem consideradas improdutivas socialmente, reforçando a visão naturalizante sobre estes valores ao longo do tempo. A adolescência vista por este prisma, não só acoberta as determinações sociais, como também “é uma visão que impede a construção de uma política social adequada para que os jovens possam inserir-se na sociedade como parceiros sociais fortes, criativos, cheios de projetos de futuro” (p. 39).

A adolescência será concebida aqui não como sendo uma fase natural do desenvolvimento humano, mas sim como:

[...] uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens.

Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como marcas do corpo não devem fazer da adolescência um fato natural (Bock, 2004, p. 39).

Com a revolução industrial, as formas de trabalho sofisticaram-se tecnologicamente, gerando transformações na sociedade. Como consequência disto, por um lado, exigiu-se uma maior preparação por parte do trabalhador, tanto para adentrar no mercado de trabalho, quanto para permanecer nele; e, por outro, ocorreu o desemprego crônico/estrutural e “a exigência de retardar o ingresso dos jovens no mercado e aumentar os requisitos para esse ingresso, o que era respondido pelo aumento do tempo na escola” (Bock, 2004, p. 41). Desta forma, o adulto permaneceria por mais tempo ativo no mercado de trabalho e o adolescente permaneceria tutelado pelos pais.

A adolescência, por assim dizer, refere-se então a um período de latência social construída a partir desta sociedade capitalista. Outro fator a se destacar é o aumento do período escolar, que acabou por gerar um distanciamento do jovem em relação a sua família e uma maior aproximação com os seus pares.

É na passagem do Ensino Médio para a universidade que o jovem começa a se preocupar mais com o futuro, com a escolha por uma carreira e com seu ingresso no mundo do trabalho. Sarriera, Rocha e Pizzinato (2004) pontuam que tal preocupação se dá através da introdução da temática “escolha profissional” na escola e pela família. É neste momento que se configura o principal desafio do jovem: a construção de sua identidade, para a qual a conquista da identidade profissional passa a ser essencial.

A preparação do jovem para entrar no mundo do trabalho inicia-se bem antes da adolescência, período em que, na maior parte das vezes, ocorre a escolha profissional. Assim, a base fundamental para esta escolha se dá no decorrer da vida escolar, momento no qual a criança entra em contato com novas relações e vivencia o ambiente escolar.

A temática escolar e os princípios educacionais sofreram modificações no decorrer da história, ficando claro que se alteraram os objetivos e as práticas educacionais. A educação, a partir da Idade Média, tornou-se produto da escola, destinando-se primeiramente às elites, aos nobres e depois à burguesia, onde era ensinada a cultura da aristocracia e os conhecimentos religiosos. Juntamente com a revolução do século XIX, as escolas se transformaram, passando a atender todas as crianças da sociedade, tornando-se uma instituição especializada em educação, preparando a criança e o jovem para a vida em sociedade e para o trabalho, ou seja, preparando-os para viver no mundo dos adultos. A escola opera a mediação entre o indivíduo e a sociedade, transmitindo-lhe a cultura, os valores morais e os modelos de comportamento.

A função da escola na esfera da especialização para o mundo do trabalho surge em vista das exigências sociais que priorizam uma modernização tecnológica em diferentes circunstâncias. Passa-se a exigir que a escola que prepare o jovem para o trabalho, numa formação científica mais abrangente, flexível e multifacetada para que supra as necessidades da sociedade atual.

Segundo dados do Censo Escolar (2017), o Ensino Médio é oferecido em 28,5 mil escolas no Brasil. Identificou-se que houve um aumento de 3,9% no número de escolas que oferecem o Ensino Médio no período entre 2013 e 2017. Os dados também apontam que a rede estadual é responsável pelo maior número de escolas de Ensino Médio (68,2%), seguida da rede privada (29,0%). Por fim, 89,7% das escolas de Ensino Médio estão na zona urbana e 10,3% na zona rural, evidenciando uma substancial menor participação da zona rural em toda educação básica. São, ao todo, 7,9 milhões de matrículas no Ensino Médio.

Entendemos que falar de Ensino Médio nos dias atuais é um desafio, tendo em vista sua reforma sancionada recentemente, que propõe uma série de mudanças que deverão ocorrer no âmbito público e privado nos próximos anos. No entanto, ainda não se sabe em verdade o quão potente serão essas mudanças na transformação para um Ensino Médio de maior

qualidade. Para além dos dados apresentados no Censo Escolar, o que sabemos hoje sobre o Ensino Médio público no Brasil é da precariedade que o envolve.

Em uma das pesquisas do grupo PROSPED, Oliveira (2017) diz que a premissa “quanto mais pobre for a família, maior a evasão escolar” é válida. Porém, é frequente nos depararmos com um discurso que não é verdadeiro, a saber: “aquele jovem saiu da escola para trabalhar e ajudar a família”. Segundo o relatório final da pesquisa (FCC, 2015), “dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – IBGE) de 2011, dentre aqueles que se evadiram da escola, a maioria não trabalha (61,7%) e, ainda, quanto menor a renda, maior a probabilidade de não trabalhar” (p. 8). Ainda de acordo com a pesquisa (FCC, 2015), as possíveis causas do desinteresse e da evasão escolar, nas opiniões de jovens de baixa renda, se desdobraram em quatro aspectos: falta de engajamento dos professores, falta de segurança, má conservação da escola e a indisciplina dos alunos.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Unibanco (2016) aponta que a evasão escolar é um problema social. Os maiores índices de abandono apresentam-se nos grupos de jovens com menor renda econômica. Em 2014, 52% dos jovens de 15 a 17 anos fora da escola não haviam sequer concluído o Ensino Fundamental.

Os dados apresentados anteriormente evidenciam que os jovens são os mais vulneráveis por terem seu direito à educação básica comprometida e pela probabilidade de uma precária inserção no mercado de trabalho. Esse grupo apresenta a menor renda média por morador no domicílio, no valor de R\$ 436,00. 16% dos jovens fora da escola, em 2014, haviam concluído o Ensino Fundamental, mas não ingressaram no Ensino Médio. A renda média no domicílio por morador correspondia a R\$ 524,00. Os jovens que ingressaram no Ensino Médio, mas não o concluíram, correspondiam a 13% dos que estavam fora da escola. A renda média familiar desse grupo de jovens estava em R\$ 626,00. Os jovens entre 15 e 17

anos, que estavam fora da escola por já ter concluído o Ensino Médio (19%), se inserem no grupo com maior renda média por morador no domicílio, com o valor de R\$ 885,00.

A condição econômica é um fator importante para a compreensão dos jovens do Ensino Médio. Em grande medida, problemas como abandono escolar e repetência se manifestam nas classes mais baixas, assim como o perfil do jovem trabalhador, da jovem que se tornou mãe, do jovem “problema”.

A condição de vulnerabilidade social interfere nas expectativas que o estudante e a sua família têm da escola. Em alguns casos, considera-se que o estudante precisa estar na escola para não criar “problemas” na rua; ou que a escola é a garantia de um futuro melhor; ou, por outro lado, entende-se que a escola é um empecilho por não resolver os problemas econômicos mais imediatos. Já os jovens pertencentes às classes mais altas se inserem em instituições de ensino voltadas para a competitividade dos vestibulares e do ENEM. Com isso, é comum que utilizem boa parte de seu tempo para “dar conta” das cobranças da escola e de seu ofício de aluno. Infelizmente, de certa forma, a preparação para o vestibular acaba se tornando a razão de ser do Ensino Médio.

A questão racial é um traço da história do Brasil cujos reflexos estão presentes nas desigualdades sociais encontradas nos dias de hoje. Os jovens negros fazem parte do grupo mais atingido pelas violências estruturais no Brasil. Waiselfisz (2016), autor do “Mapa da Violência 2016 - Homicídios por arma de fogo no Brasil” aponta que os jovens negros compõem o grupo de maior vulnerabilidade ao homicídio.

No Brasil, há um alto índice de gravidez na adolescência. De acordo com o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC, 19% (526.608) do total de mulheres que tiveram filhos em 2014 tinham a idade entre 10 e 19 anos. Apesar de no Brasil ser assegurado por lei (Lei 6.202 de 17 de abril de 1975) o direito de as mães estudantes receberem em casa conteúdos e avaliações escolares a partir do oitavo mês de gestação até três meses após o parto

(Unicef, 2014a), permanece a relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar. Em 2014, 35% dos jovens de 15 a 17 anos que abandonaram a escola antes de terminar o Ensino Médio eram mulheres com filhos. Apenas 2% das jovens mães continuaram na escola (Instituto Unibanco, 2016).

2.4. A Psicologia da Arte em contextos educativos

“A arte é a própria expressão da contradição”

(Vigotski, 1925/2001)

As pesquisas desenvolvidas no grupo PROSPED em contextos educativos apontam que a utilização da arte pelo psicólogo nas intervenções pode contribuir na reconfiguração de sentidos e significados, promover migração de emoções num processo dialético mediado nas e pelas relações (Souza, Petroni & Dugnani, 2011; Andrada & Souza, 2015; Petroni, 2013; Pissolati & Souza, 2014; Dugnani, Venâncio & Neves, 2016).

Compreendida como uma linguagem que tem sua gênese nas relações sociais e apresenta como peculiaridade a potência de afetar os sujeitos pela via do sensível, a obra artística, por ter conteúdos e formas da cultura, por um lado, e por seu caráter aberto, de outro, pode promover o estranhamento da realidade, que é condição essencial para a atribuição de novos significados e sentidos em relação ao vivido (Dugnani & Souza, 2016; Souza, 2016).

Vigotski (1925/2001), em suas formulações sobre a arte, buscou uma concepção que não fosse exclusivamente formalista, histórica ou sociológica, mas que trabalhasse com a questão da afetividade e das emoções, partindo da premissa de que analisar somente a estética não basta. Para o autor, as emoções da arte são “emoções inteligentes”, a arte é a “técnica social dos sentimentos”. Ele afirma que a arte consegue suspender o homem de sua vida cotidiana, pois permite mostrar ao mesmo que este é mais rico que a mesma. Segundo Dugnani e Souza (2016), a arte tem potencial para promover a atribuição de sentidos, uma vez

que se dá como produto criativo da imaginação. Entende-se ainda que, por tocar o sujeito afetivamente, as mediações pautadas no uso da arte podem contribuir e assegurar a estruturação de novas reflexões e diálogos nos cenários de atuação do psicólogo.

Souza (2016) fala sobre a abertura que as expressões artísticas propiciam à atribuição de sentidos e significados pelo sujeito, sendo essa uma das justificativas para a mediação da arte nas intervenções e pesquisas desenvolvidas na escola. Remeter à arte como mediação nas propostas de ação apresentadas às escolas, culmina em promover reflexões mediante a confrontação dos elementos das obras. A autora supracitada, também menciona que a arte possibilita sintetizar o humano por meio de significados comuns para aqueles que a admiram, e também os sentidos que a arte desperta nas pessoas, que em grande parte correspondem às suas vivências. Utilizar-se da arte nas pesquisas-intervenções realizadas nas escolas tem evidenciado resultados relevantes nos contextos de atuação do psicólogo, apontando progressos nas reflexões e conscientização dos participantes.

Barbosa (2017) aborda a importância de uma práxis no contexto escolar que possa promover desenvolvimento e diz que, em relação a processos criativos, não são necessários apenas para a ampliação e o enriquecimento da experiência do sujeito, mas também para criar situações para exercitar e desafiar o sistema conceitual, colocando-o em movimento e objetivando-o na realidade. Acredita-se que o conhecimento tem um papel essencial, não visando proporcionar respostas, mas levantar interrogações, desequilíbrios, bem como sentimentos que agilizem e nutram a imaginação e a criatividade dos sujeitos.

Apresenta-se, a seguir, a concepção teórico-metodológica, em como o cenário, os participantes e a organização e desenvolvimento do processo desta pesquisa-intervenção.

3. METODOLOGIA

3.1. Concepção teórico-metodológica

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza participativa, caracterizada como pesquisa-intervenção. Ancorada no método proposto por Vigotski, que pressupõe a análise do processo, busca apreender as contradições de modo a acessar o fenômeno investigado.

Uma vez inseridas no campo de investigação, as intervenções vão desvelando os processos constitutivos da adolescência, as condicionantes de suas vidas, como os sentidos e significados que atribuem à escola, à família, à sociedade, ao trabalho, à vida, etc. A pesquisa-intervenção possibilita novos modos de apropriação das informações, analisa os conteúdos acessados e, a um só tempo, reorganiza as ações interventivas, dando-se em um movimento que não finda, mas produzem sínteses, momentos de sistematização do vivido (Barbosa, 2017).

Esta pesquisa considera as diretrizes e normas regulamentadas pela Resolução no 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, no que concerne a pesquisas com seres humanos, e foi aprovada pelo Comitê de Ética com seres humanos sob o parecer nº 2.551.275.

3.2. Contexto e cenário da pesquisa

Esta pesquisa-intervenção foi desenvolvida em um município localizado no interior do Estado de São Paulo. A região se configura como um polo industrial e empresarial, fato que atraiu um grande número de migrantes e imigrantes, principalmente entre as décadas de 1930 e 1940, após o reinvestimento na indústria de cana-de-açúcar e no setor de serviços. A população estimada em 2016 era de 1.173.370 habitantes, o que coloca o município como o terceiro mais populoso do Estado. No campo da educação, segundo o censo do IBGE (2015), a cidade possui 300 escolas de Ensino Fundamental, sendo 99 privadas, 159 da rede pública

estadual e 42 municipais, além de 156 escolas de Ensino Médio, sendo 52 privadas e 104 públicas da rede pública estadual de ensino.

A escola onde esta pesquisa se deu pertence à rede estadual de ensino de São Paulo. Atualmente, atende aos níveis Fundamental II e Médio, com em média 1.500 alunos. Identificamos que são em média 500 alunos em cada período: matutino, vespertino e noturno. Durante o período matutino, a escola oferece os ensinos Fundamental II e Médio, enquanto no período vespertino o Ensino Fundamental II, e no período noturno o Ensino Médio. O quadro de estrutura institucional é composto por funcionários responsáveis pela limpeza e manutenção da escola, supervisão dos espaços da escola em momentos de entrada, saída e intervalo dos alunos; 43 docentes; equipe gestora formada por dois coordenadores, sendo um responsável pelo Ensino Médio e outro pelo Ensino Fundamental; uma vice-diretora e uma diretora.

A escola tem uma estrutura física ampla, muros altos, dois portões de acesso, um destes portões permanece trancado com cadeados durante o período de aulas e é aberto nos momentos de entrada ou de saída dos alunos nos diferentes turnos escolares, e o outro que permanece fechado sem cadeado; uma recepção na entrada. Há um espaço entre muro externo e o prédio da escola, onde se encontram algumas árvores e um pequeno espaço com gramado e um jardim.

A escola é composta por aproximadamente 20 salas de aula, 1 quadra poliesportiva, uma biblioteca, uma cantina, uma cozinha, uma sala para os professores e uma para direção e 6 banheiros. A disposição destes espaços forma um desenho similar à letra “H”; entre os dois corredores principais, há um bebedouro para os alunos e um espaço que pode servir de palco para eventos do colégio.

Cada sala de aula conta com cerca de 40 conjuntos de carteiras e cadeiras, algumas quebradas e a maioria rabiscada, um armário de ferro posicionado na parede oposta à porta de

entrada e quatro grandes janelas com grades do lado de fora. Em algumas salas há cortinas nas janelas, em outras apenas a estrutura com o varão.

3.3. Participantes da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida com a participação dos alunos de duas turmas do 2º ano do Ensino Médio do período noturno, que permaneciam na escola das 19h às 22h45. Na lista de chamada, uma das turmas apresentava 42 nomes, sendo 16 meninas e 26 meninos; e outra turma com 38 nomes, sendo 13 meninas e 25 meninos. A assiduidade dos alunos nos dias em que realizamos a pesquisa-intervenção na turma com 38 foi entre 20 e 25 alunos; e na turma com 42 foi uma média de 25 a 32 alunos.

A maioria dos alunos residia na região, morava nos bairros próximos à escola, no campo periférico da cidade, longe do centro. Alguns relataram serem naturais de outros Estados, e terem vindo residir no interior de São Paulo devido a questões de emprego dos pais. Estes alunos apresentavam faixa etária entre 15 e 17 anos.

3.4. Delineamento da pesquisa

No início de 2016, a coordenadora do Grupo PROSPED e alguns de seus integrantes visitaram a escola pública onde se realizou a presente pesquisa. À época, ocorria o primeiro contato do grupo com a escola, que se deu em uma reunião, em que estavam presentes alguns professores e dois coordenadores. No momento de abertura da reunião, houve uma breve apresentação dos que estavam presentes e, em seguida, um relato sobre as demandas da escola.

Os relatos apresentados referiam-se principalmente às dificuldades com a indisciplina e o desinteresse dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e de alunos do 1º ano do Ensino Médio. A partir do levantamento de informações, o grupo elaborou propostas de intervenção envolvendo vários grupos da escola.

Nosso processo de intervenções para esta pesquisa teve início após a apresentação e aceite da proposta por parte da gestão da escola, professores parceiros e das turmas do Ensino Médio com as quais a desenvolveríamos. Definimos que as duas primeiras semanas seriam de observação dessas turmas em suas respectivas salas de aula e assim fizemos. Podemos afirmar que as duas primeiras semanas foram fundamentais para a construção do nosso olhar sobre o cenário e atores escolares com os quais empreenderíamos uma trajetória de bons encontros até a conclusão das turmas no Ensino Médio e a conclusão desta pesquisa, que se deu no mês de novembro de 2018.

3.5. Plano de análise

A construção da análise desta pesquisa se deu após muitas conversas e reflexões em que nos empenhamos na apreensão dos momentos que pudessem ilustrar possíveis novas significações dos alunos. Como quem acompanha um filme e, do lugar que ocupamos, que é de quem instiga a expressão de emoções e a reflexão, buscamos identificar os pontos de virada - ou seja - interessadas em acessar o movimento do fenômeno investigado, nos voltamos para os indicadores que pudessem revelar que nossos protagonistas se mobilizavam em uma nova direção de pensamento e ação.

A análise dos dados foi realizada a partir das informações contidas nos diários de campo e nas transcrições de falas dos alunos e das professoras-parceiras durante intervenções. Apresentamos, ainda, produções desenvolvidas pelos alunos ao longo das intervenções, tais como desenhos e textos.

Realizamos um recorte dos dados gerados durante o período de intervenção, pois tendo em vista o tempo destinado à conclusão do mestrado, não será possível apresentar todo o material construído. Ademais, foram feitas leituras recorrentes das informações, o que possibilitou sua organização em dois grandes eixos de análise, de acordo com os objetivos da pesquisa.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com a intenção de analisar e discutir os resultados, apresentamos dados derivados de diários de campo, produções escritas e desenhos dos participantes. Ressaltamos que as informações são de diferentes momentos de nossa pesquisa-intervenção. Tentamos demonstrar, por meio dessas informações, o potencial das ações do psicólogo escolar na mobilização de vivências de alunos do ensino médio público noturno sobre suas vidas: atual e futura.

Apropriamos-nos das ideias de Vigotski (1935/2010), que define Situação Social de Desenvolvimento como aquela capaz de promover vivências – uma vivência “revela o sujeito, sua personalidade, motivações e afetos e como tudo isto se manifesta no meio sob sua influência” (Souza & Andrada, 2013, p. 361); ou seja, vivência é uma unidade que integra a personalidade e o meio, incorporando o externo e o interno.

Apoiados na Psicologia da Arte (Vigotski, 1925/2001), destacamos a expressão artística como uma ferramenta potente, que toca o sujeito em seus afetos, sendo capaz de promover reflexões, discussões e novas produções por meio de sua forma e conteúdo. Compreendida como uma linguagem que tem sua gênese nas relações sociais e que apresenta como peculiaridade a potência de afetar os sujeitos pela via do sensível, a obra artística, por apresentar conteúdos e formas da cultura, por um lado, e por seu caráter aberto, por outro, pode promover o estranhamento da realidade, que é condição essencial para a atribuição de novos significados e sentidos em relação ao vivido (Dugnani & Souza, 2016; Petroni & Souza, 2014; Souza, 1998; Souza, 2016; Souza, Dugnani, Petroni, & Andrada, 2015).

Ressaltamos que o nosso trabalho é mediado pela arte, mas que, no entanto, não atuamos com a finalidade de ensiná-la, o que remete à atividade dos educadores em Artes. Nossa busca se dá pela compreensão do papel da arte na constituição de um

contexto educativo que promova o desenvolvimento de formas mais elaboradas de relações. A arte como instrumento em nossas ações humaniza e afeta o sujeito (Dugnani & Souza, 2016; Petroni & Souza, 2014; Souza, 1998; Souza, 2016; Souza, Dugnani, Barbosa, Jesus, & Neves, 2016).

A busca pela compreensão do fenômeno investigado nos levou à proposição de dois eixos centrais de análise, a saber:

I) Um rosto que contém várias faces: refletindo sobre condições de vida e existência com adolescentes, em que apresentamos trechos de Diários de Campo (DC) e produções dos alunos que evidenciam uma ampliação de consciência em relação à realidade e a si próprios na realidade.

II) Voando para dentro: o lugar de dores, cores e gratidão, onde apresentamos textos e desenhos desenvolvidos pelos alunos que, mobilizados pela estética da fotografia e de pinturas a eles apresentadas, evidenciaram a capacidade da arte em fazer viver as emoções.

Esperamos que o leitor consiga acompanhar o movimento de nossos protagonistas, que ora mergulharam no presente – ora se lançaram no futuro, movimentando e articulando memórias e afetos.

4.1. Refletindo sobre condições de vida e existência com adolescentes

*Cê quer saber, então vou te falar, por que as pessoas sadias adoecem
Bem alimentadas ou não por que perecem. Tudo está guardado na mente, o que você quer nem
sempre condiz com o que outro sente.
Eu tô falando é de atenção, que da cola ao coração E faz marmanjo chorar, se faltar, um simples
sorriso, às vezes um olhar.
Ainda há tempo – Criolo.*

Ontem à noite fui até à escola para dar início à pesquisa com os alunos do EM noturno. Foi um dia de observação, mas esse primeiro contato já me despertou o interesse de conversar e de conhecer um pouco mais aqueles adolescentes. [...]. A curiosidade dos alunos mobilizou as primeiras perguntas – “oi dona, o que a senhora vai fazer mesmo? – [...] dona, a senhora vai dar aula de psicologia? – melhor você ficar sentada desse lado mesmo, o lado de lá é de meninos [...] aqui é assim, fica menino de um lado e menina de outro” (SIC) (Aluna Laura) - (DC 01, 1º dia de observação, 04/04/2017).

Os dois primeiros encontros foram dedicados à observação das turmas. Já no terceiro e no quarto encontros, fizemos a apresentação de documentários que tinham sido produzidos pelos próprios alunos. A maioria dos alunos que estava no 2º ano do Ensino Médio tinha participado desta elaboração no ano anterior, que derivou principalmente de oficinas realizadas com profissionais convidados e conduzidas por nós, psicólogos- pesquisadores. Os alunos foram convidados a planejar as oficinas, tirar fotos e filmar, escolher as músicas e compor a edição dos vídeos para os documentários.

A escolha de iniciar o trabalho pela exposição dos documentários se deu por termos identificado interesse e envolvimento dos alunos por este projeto e, sobretudo, pelo protagonismo dos alunos no processo de planejamento e construção dos documentários. Na semana seguinte, em conversa no grupo participante de pesquisa, definimos que levaríamos como materialidades mediadoras o poema “*O tempo*”, do poeta Mário Quintana e a música “*Tempo Perdido*”, da Banda Legião Urbana e, assim, fizemos. Abaixo o poema e a letra música:

Poema “*O Tempo*” – Mário Quintana

“A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando de vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.”

Música *Tempo Perdido* – Banda Legião Urbana

Todos os dias quando acordo

Não tenho mais O

tempo que passou

Mas tenho muito tempo

Temos todo o tempo do mundo

Todos os dias

Antes de dormir

Lembro e esqueço

Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder
Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E selvagem! Selvagem!
Selvagem!
Veja o sol
Dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega
É da cor dos teus olhos
Castanhos
Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido

É o que se escondeu
 E o que foi prometido
 Ninguém prometeu
 Nem foi tempo perdido
 Somos tão jovens
 Tão jovens! Tão jovens!

Dialogamos a partir das questões: o que pensam sobre o tempo que passam na escola? E fora da escola? Como sentem o passar do tempo e sua relação com ele? O que pensam sobre a expressão “*perdendo tempo*”? Desse modo, levamos como atividade a pergunta: Como você se imagina daqui a dez anos?

Os alunos estavam agitados, conversavam e riam bastante. Dois garotos no fundo da sala falavam em voz alta sobre alguma situação ocorrida no final de semana [...] entrou a professora Olívia que gritou: “*mas já está assim? Já vou avisando que hoje não estou pra brincadeira*”. Alguns alunos se sentaram, enquanto outros circulavam pela sala. A professora me avisou que iria usar alguns minutos da aula antes que eu desse início à intervenção. Quando tentei contar a ela o que faríamos, ela disse – “*olha, você pode até tentar, mas essa turma é insuportável, boa sorte*” [...] Percebi que os dois alunos ainda conversavam no fundo da sala. A aluna Amanda me perguntou em tom de voz baixo e com a cabeça inclinada “*Elaine, o que a gente vai fazer hoje? Melhor começar logo, porque a dona hoje está estressada*” – se referindo à professora. Enquanto a professora fazia a chamada, eu me sentei perto das mesas da frente. Não percebi o que aconteceu, mas me voltei para a professora quando ela interrompeu a chamada e começou a gritar novamente: “*saiam da minha sala agora! Estou mandando e vocês que me respeitem*”. Em seguida, a professora saiu da sala [...] dois alunos saíram minutos depois quando o coordenador foi até a sala chamá-los (DC 05 – 02/05/2017).

Essa situação me despertou algumas questões – quais teriam sido as significações atribuídas àquela situação pelos alunos? – Como teriam se sentido os alunos que foram privados da possibilidade de permanecer na sala? – e quanto aos que permaneceram, como se sentiram naquela situação? Quais questões estariam afetando a professora naquele dia? – A

expressão – “*saíam da minha sala*” me fez pensar se aquele não seria um espaço de todos e não apenas da professora. Permaneci na sala com a turma e perguntei o que eles pensavam sobre o ocorrido, se podíamos continuar, então a aluna Bruna responde: “*Vamos fazer o que?*” – “*é sempre assim, melhor nem falar nada*”; enquanto alguns alunos balançavam a cabeça, demonstrando concordar com Bruna, outros permaneciam cabisbaixos e em silêncio. Durante o tempo em que estive com os alunos, o coordenador veio até a sala para avisar que os dois alunos não voltariam naquele dia.

[...] quando conversávamos sobre o tempo que passavam na escola, a aluna Amanda disse: *Acho que a gente só perde tempo aqui na escola. Não gosto de vir para a escola... só tem coisa chata.* (SIC) [...] *Eu concordo, tem um monte de coisas que a gente não sabe para que vai servir... perde tempo, porque a gente tá aqui e queria estar no celular* (SIC) - (DC 05 – 02/05/2017).

Após a conversa com os alunos, pedi que escrevessem como se imaginavam no futuro – *daqui a 10 anos?* Apresentamos abaixo algumas das produções escritas:

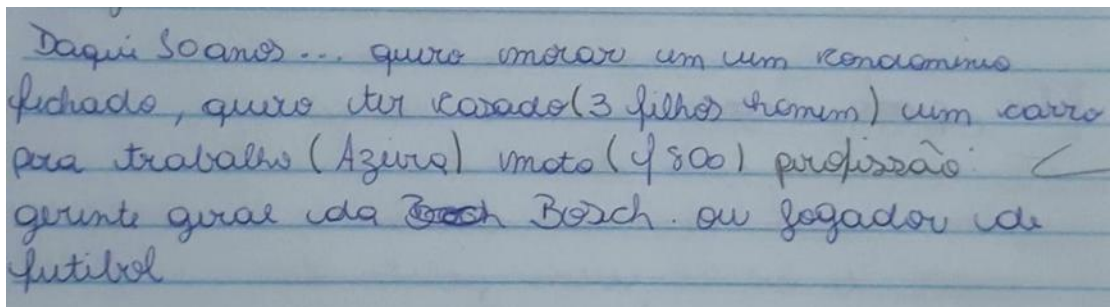


Figura 01: “quero morar em um condomínio fechado, quero ter casado (três filhos homem) um carro pra trabalho (Azira) moto (F800) profissão: gerente geral da Bosch ou jogador de futebol” (Ronaldo, 17 anos).

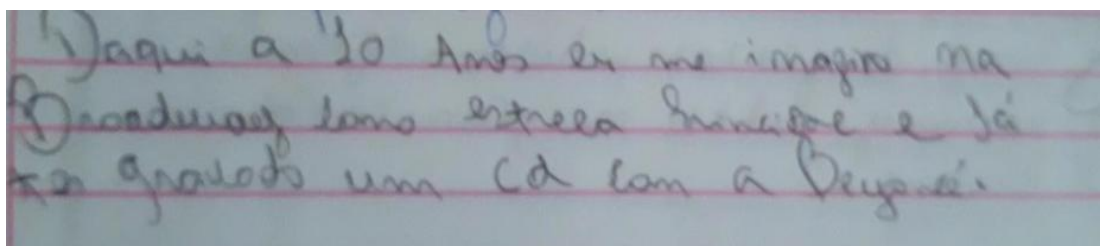


Figura 02: “eu me imagino na Broadway como estrela principal e já ter gravado um CD com a Beyoncé” (Henrique, 17 anos).

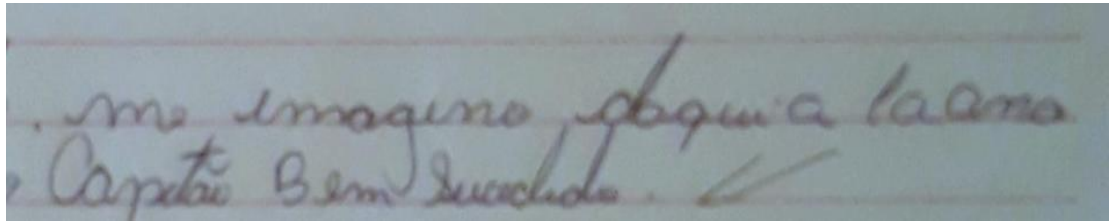


Figura 03: “me imagino daqui a 10 anos sendo um capitão bem sucedido” (Robson, 17 anos).

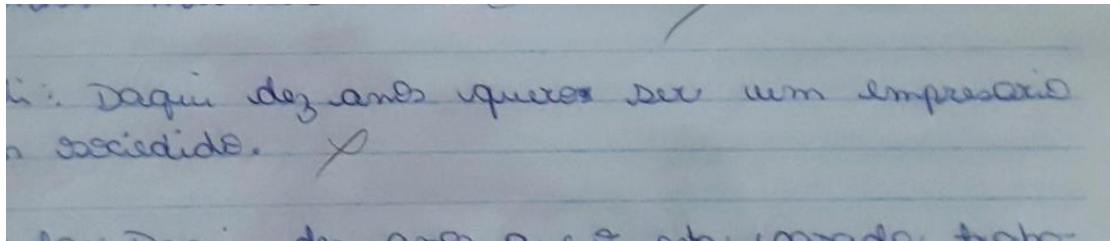


Figura 04: “Daqui 10 anos quero ser um empresário bem sucedido” (Robson, 17 anos).

Podemos sugerir nesse momento que os adolescentes oscilam entre uma compreensão da realidade que os imobiliza em relação a possíveis ações. Parece que permanecem presos em um universo de restrições e, quando são convidados a pensar sobre seu futuro, eles se lançam para outra dimensão, que seria a da fantasia, até porque o que eles pensam sobre o futuro não encontraria assento na realidade atual em que vivem.

Naquele mesmo dia, encontrei a professora Emília no pátio, que já me conhecia desde o ano anterior. Emília me cumprimentou e disse: *“nossa, você está com a pior turma esse ano”* – *“olha para aguentar ali está complicado, viu”* (sic). Em seguida, um dos alunos que tinha sido colocado para fora da sala veio em minha direção demonstrando estar envergonhado e disse – *“dona, foi ruim por hoje”* [...] *“acho que você não vai aguentar a gente, nós somos difíceis, viu”*, entretanto, eu disse a ele que seguiria junto com a turma, que queria muito bom conhecê-los e que a presença deles era importante para a turma.

Vigotski (1931/2006) afirma que é pelo olhar do outro que o sujeito passa a configurar a imagem que tem de si. Nesse sentido, parece ser apropriado pensar que os olhares que estavam sendo lançados sobre a turma possibilitavam configurações distorcidas sobre a capacidade de desenvolvimento daqueles alunos.

Compreendemos que a escola é um lugar que nos apresenta inúmeros desafios, enquanto psicólogos, como vimos no exemplo anterior. Segundo Souza, Petroni e Dugnani (2011), existe uma ampla complexidade das relações que caracterizam o espaço da escola. O grupo Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas, ao qual me vinculo, investe na construção de práticas que buscam contribuir para o desenvolvimento dos diferentes atores da escola a mais de uma década e, em nossa pesquisa, seguimos esse direcionamento.

As relações que se dão naquele espaço se constituíram em importantes reflexões naquele primeiro momento. Pensei no compromisso do psicólogo escolar para com o desenvolvimento de todos os atores da escola, sobretudo o desenvolvimento dos alunos. Como psicóloga escolar, que constitui e é constituída pelas relações que se dão na escola, como contribuiria no processo de novas significações? Seria possível, por meio das ações, favorecer a migração das emoções? Favorecer a tomada de consciência daqueles alunos sobre suas potencialidades? Possibilitar espaços, permeados pela possibilidade de fala e escuta que se constituíssem como promotores de processos imaginativos que derivassem novas ações? Apoiei-me em Souza (2016), que afirma que o papel do psicólogo é o de mediador dos afetos, e foi desse lugar que partimos, acreditando nas potencialidades dos adolescentes, bem como na fluidez das emoções e nas possibilidades de desenvolvimento.

Vigotski, em seus estudos, destacou que na adolescência ocorre um salto no desenvolvimento psicológico, principalmente em relação ao pensamento. Pode-se dizer que há uma superação do modo de pensar cotidiano, preso à realidade, que é mais característico da infância, para um modo mais abstrato de pensamento. Assim, o adolescente vai se tornando capaz de compreender normas éticas, fatos sociais e políticos, com capacidade de reflexão e ampliação da consciência (Barbosa, 2017).

Como já vimos, na adolescência, o desenvolvimento biológico, junto às novas

exigências do próprio sujeito e do meio, provocam uma reorganização do sistema psicológico, resultando no surgimento de novas aspirações, motivos e interesses. Essas mudanças reorientam a ação, produzindo novas interações e vivências (Vigotski, 1934/2012). Destacamos que neste estudo estamos em busca de discutir essas questões. Para tanto, seguiremos apresentando o que vivenciamos com os adolescentes do Ensino Médio.

Estávamos em nosso sexto encontro quando propusemos uma reflexão com base na biografia de um cantor conhecido e valorizado pelos alunos, o *rapper* brasileiro Criolo. A ideia era possibilitar que eles percebessem que toda e qualquer atividade exige investimento, dedicação e persistência, que são características evidentes na história do artista.

O envolvimento com a história do *rapper* despertou nos adolescentes questões que diziam respeito ao lugar que eles ocupavam na sociedade. As principais inquietações trazidas por eles referiam-se ao racismo, ao preconceito e à desigualdade social, que emergiam como fontes de sentimentos de tristeza e opressão vivenciados por eles de modo recorrente.

Como indicador desta vivência, apresentamos abaixo trechos do diário de campo deste encontro e três produções que ilustram o clima emocional mobilizado pelo vídeo da entrevista com o artista, apresentado aos alunos:

*[...] acho que de tudo aí que ele falou o que fiquei pensando mais foi que ele **não é arrogante**, entende o que eu quero dizer, dona? – sei lá, **não é ignorante**. Ele tem a **humildade** de falar que o RAP que é grandioso, ele não. Mano, acho que só de pensar assim **ele já é grande pra mim** (sic) [...]. A turma estava demonstrando envolvimento, ouviram o colega e do outro lado da sala outro aluno pediu para falar [...] **fiquei de cara com o que ele falou da classe C, faz pensar, não é mesmo?** (sic) – Pedi que ele dissesse o que o cantor falou que o fez pensar [...] **do lance de que é classe C é porque não tirou nem A nem B, fala dessas diferenças sei bem como é isso** (sic) - (DC – 06 - 09/05/2017).*

A discussão sobre as falas do artista continuou. Percebi um movimento diferente nos alunos, no sentido de ouvir a opinião do colega e da construção dos diálogos, algo que eu tinha pontuado nas semanas anteriores, porque todos falavam ao mesmo tempo.

[...] *nós sente na pele essa fita. Sabe o que é você tá na rua e vê uma dona atravessando a rua pra não passar perto? – saber que tem gente que olha pra você e acha que manja da tua história (sic)* (Ronaldo) – Como assim? (psicóloga) – [...] *tipo, pensa que você é folgado, ladrão, discrimina na moral, o Criolo falou que nós, os preto, era ignorado e era encosto, pra mim é o que a gente é... Isso aí mudou nada não (sic)* – Então uma aluna comenta - “*eu curti quando ele falou se coloca na condição de pedra, para as pessoas te respeitarem [...] tipo assim, ter o seu lugar*” (sic) (Ana Júlia) - (DC - 06 - 09/05/2017).

[...] *Pra mim marcou quando ele falou dos artistas que estenderam a mão para ele [...] ele falou do Chico, Milton. Ninguém chega em um lugar diferente sozinho (sic)* (Maria) - (DC - 06 - 09/05/2017).

É possível perceber que as questões trazidas pelos alunos apresentam uma congruência com a história de vida do cantor, que foi acessada parcialmente por meio da entrevista. O impacto revelado na fala dos alunos nos aponta para as situações de sofrimento que vivenciam e que, por vezes, os fazem sucumbir às condições que caracterizam suas vidas. Encontramos nas falas dos alunos emoções que são vividas em seu cotidiano e com as quais nos deparamos na sociedade contemporânea, causadoras de angústia e padecimento.

No diálogo explicitado no primeiro exemplo vemos que o que chama a atenção do aluno são as características explicitadas pelo artista quanto ao modo como ele se relaciona com as pessoas, com a vida e com o *RAP*. O aluno destaca o fato de, apesar da fama, o *rapper* não ser arrogante, e lhe atribui como característica a humildade, o que o faz entender que o artista se torna grande por não ser arrogante.

Ainda refletindo sobre as questões do primeiro exemplo, encontramos no diálogo a percepção de outro adolescente, no que diz respeito à fragmentação social, à divisão por classes que é duramente criticada pelo cantor. O aluno remete a uma fala do cantor para relacioná-la com a sua compreensão quanto às diferenças entre classes, dizendo “sei bem como é isso”. A expressão do cantor: “Classe C é porque não tirou nem A nem B?” que é

captada pelo aluno remete, inclusive, ao sistema de avaliação presente nas escolas que, assim como o modelo social, exclui e fragmenta.

No segundo exemplo, o que se observa são um profundo envolvimento e identificação com a vivência do cantor. O aluno diz que sente na pele e complementa me perguntando - ou seria me convidando? - a ocupar o seu lugar, sentir na pele com ele. *“Vê uma dona atravessando a rua pra não passar perto” (sic)*. Ao complementar o que quer dizer, o jovem manifestou o que é sentido por ele: “pensa que você é folgado, ladrão, discrimina na moral” e, em seguida, com base em outra fala do cantor, evidencia ser uma situação vivenciada por ele *“o Criolo falou que nós, os preto, era ignorado e era encosto, pra mim é o que a gente é... Isso aí mudou nada não” (sic)*. Na sequência, a aluna que resgata a expressão “se coloca na condição de pedra, para as pessoas te respeitarem”, que poderia ter sido entendida de outro modo, no sentido estático, da condição de imobilização, mas que nos revela a capacidade de apropriação de conhecimento da adolescência, em que a imaginação parte de elementos da realidade para estabelecer relações (Vigotski, 2009).

Já o terceiro exemplo nos remete ao reconhecimento do outro, atribuindo a possibilidade de que esse outro ocupe um lugar diferente na relação com aquele que se sente excluído, discriminado: “estenderam a mão para ele”, ou seja, é possível encontrar outros modos de se relacionar. Por fim, ela traz em sua expressão o coletivo: “Ninguém chega em um lugar diferente sozinho”. Vigotski (1930/1997) diz que uma emoção nunca é individual, mas produzida e mediada pelo social.

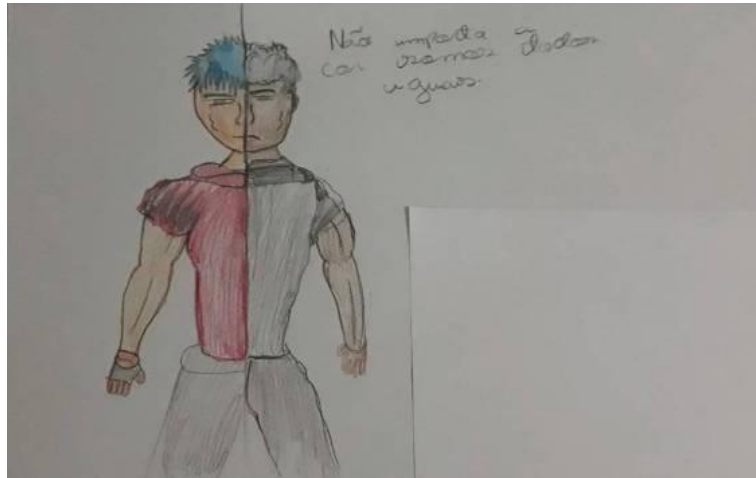


Figura 05: “Não importa a cor. Somos todos iguais”. (Bob, 15 anos – Produção a partir da entrevista com o cantor Criolo).

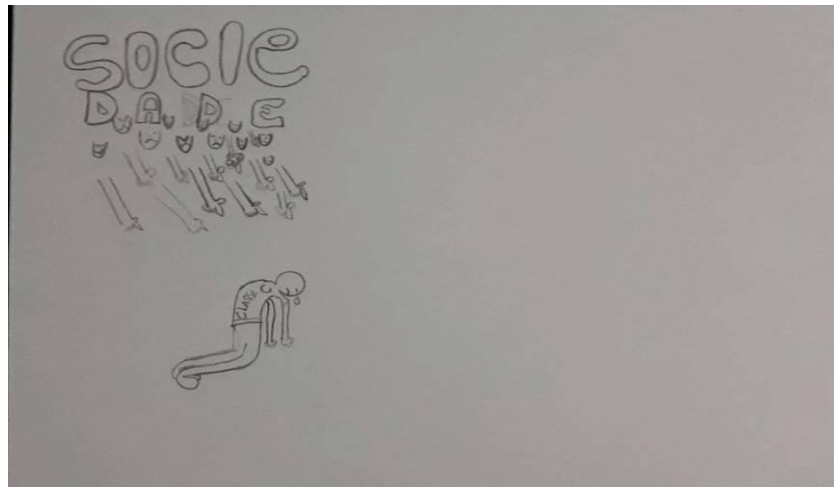


Figura 06: (Anderson, 16 anos – 4º encontro, Produção a partir da entrevista com o cantor Criolo).

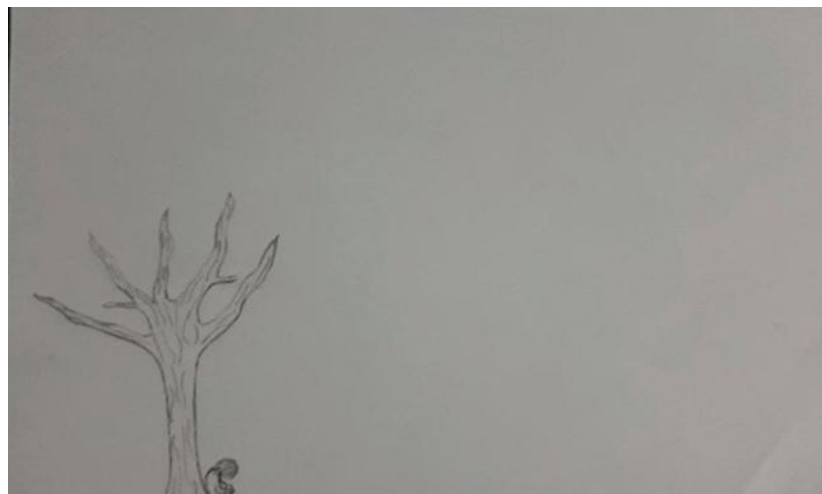


Figura 07: (Rafael, 16 anos – Produção a partir da entrevista com o cantor Criolo).

Observar que esses adolescentes, em pleno processo de desenvolvimento e constituições de suas identidades, sentem-se rejeitados e excluídos, nos coloca diante do mais importante compromisso de todos nós profissionais que atuamos na escola: o de promover ações que favoreçam a superação desse modo de estar e pensar em relação ao mundo e à sua própria condição, ou seja, promover poder de agir. Caberia lembrar Arendt (2009), quando discorre sobre a responsabilidade em assumir, perante as novas gerações, a função de introduzi-las no mundo, na sociedade e na cultura humanas.

Os trechos que apresentaremos abaixo foram extraídos do diário de campo de um encontro realizado em 2018. Desta vez, a materialidade mediadora do encontro foi o documentário intitulado “Nunca me Sonharam”. Este apresenta os desafios do momento presente, as expectativas para o futuro e os sonhos de quem vive a realidade do Ensino Médio de diversas escolas públicas do Brasil, dando voz a estudantes, gestores, professores e filósofos a respeito de educação e adolescência. A proposta foi assistirmos ao filme juntos e discutirmos sobre o que mais chamou a atenção no documentário, dando continuidade ao encontro com uma atividade escrita sobre os sonhos dos alunos:

[...] seria interessante pensarmos como está sendo o ensino médio para vocês, ou melhor, como foi o E.M para vocês? (Psicóloga) – Any: *Sinceramente, foi ruim* (sic) - Luciana: *ah, não acho que foi ruim, passou rápido demais* (sic) – Any: *sim, isso* - E como vocês se sentem por ter passado rápido demais? (Psicóloga) - Luciana: *nossa, dona dá desespero* (sic) - Tobias: *“É que agora nós estamos com 17 anos, daqui a pouco nós estamos com 18, e se bobear... se a gente completar 22 anos e não ter nenhum carro, nenhuma moto vai ser a maior tiração para o nosso lado, não é não, galera? Fala aí?”* (sic) [...] (Tobias). (DC – 26 – 13/09/2018).

[...] *é que na verdade, dona, a gente sente tanto medo porque vai ser a primeira vez que a gente vai estar do outro lado da moeda, em todos esses anos a gente foi aluno, foi aluno, só isso. Alguns trabalham, mas a maioria não. É isso, dá um desespero, eu não posso ir mais na escola, eu vou ter que trabalhar, se eu não fizer aquilo, eu não como, eu não tenho nada* (sic) - *eu não me imagino trabalhando não* (Alessandra) - *eu nem sei se eu vou saber* (sic) (Rafa) - *Eu acho que tipo, tá ligado, nós vamos crescendo, igual agora, nós temos 17 anos, o pior é que nessa fase 16, 17, 18 anos,*

mano, é muita fita que acontece, tá ligado - Fora todo jogo emocional que você tem dentro de você, tá ligado. Ao mesmo tempo pensando em várias fitas. Dona, você pensa em relacionamento, tá ligado. Você pensa em trampo também [...] Eu julgo por mim, mano, é muita coisa e você fica confuso. É muita coisa acontecendo e você não tá sabendo guardar ou atualizar essas informações (sic) (Tobias) - (DC – 26 – 13/09/2018).

Você, ou melhor, vocês sentem que a responsabilidade de lidar com isso tudo é só de vocês”? (Psicóloga) - [...]. Eu cobro muito de mim essa fita, trabalhar, ter dinheiro, eu não vim de berço de ouro, dona primeiro que também você sabe que ninguém aqui vem de um berço de ouro. Já passei vários perreco, dona, já balancei a parede de goma e vi a minha vizinha, tá ligado, já fui dormir com a minha mãe falando, toma um gole d’água aí e deita que passa a fome. Hoje não, hoje graças a Deus meu pai tem um serviço bom. Então, essa fita que aconteceu comigo me fez pensar. Mano, você tem que tramar, você tem que ser alguém. Não tem como eu não dizer que essa cobrança maior é sobre mim. O foco sou eu e minha família me ajudando, meus parceiros também. Só que não dá pra chegar no parceiro e dizer par ele te dar cem reais para você comprar um lanche ou algo assim. Eu que tenho que acordar às 5 da manhã, para sair às 6 e meia e ainda pra depois às 6 e meia da tarde vir para a escola e tem que vir, não tem outro jeito (sic), (Tobias). O aluno Tobias muda de lugar e se senta do meu lado. (DC – 26 – 13/09/2018).

Em seguida, outro aluno comentou:

[...] a real é que a gente não se entende, cada um tem seu pensamento, cada um tem sua forma, seu jeito, e a gente gosta mesmo é de trocar essas ideias aqui, saber que vocês vêm aqui e escuta a gente de verdade, na real o que mais importa para gente agora é isso, o resto é resto (sic), (Paulo) - Eu entendo isso que ele tá dizendo das diferenças, mas quando fala de serviço e sofrimento, eu acho que a gente é igual, todos nós passamos por alguma coisa parecida para estar aqui com você desenvolvendo essas ideias. (sic) – (Tobias) - (DC - 20 - 15/05/2018).

É impressionante como o conteúdo e a forma do documentário promoveram vivências nos estudantes que evidenciam, a nosso ver, uma ampliação da consciência em relação à realidade e a si próprios nela. Vigotski (1930/1997), ao discorrer sobre as características da adolescência, entendendo-a como um momento de transição, chama a atenção para o que caracterizaria a crise da idade de transição: o sujeito passa a dar conta de si mesmo no mundo,

e, nesse movimento, o mundo interno e o mundo externo entram em contradição, opondo desejos, expectativas e vontade à realidade e possibilidades das condições reais de existência. Parece ser isto que produz o que alguns chamam de “desespero”, e que aflige a todos os participantes deste rico momento de reflexão que caracteriza esta atividade. A questão que permanece para nós, psicólogos que entramos na escola para buscar mudar o curso do desenvolvimento de adolescentes, por meio de vivências, é: e agora? O que fazer em relação a essa consciência que emerge com força e produz sofrimento? Como atuar para a mudança desta condição de vida dos estudantes?

A promoção de mudanças dessas condições, por sua vez, perpassa pelo favorecimento de vivências que tenham em sua base o humano-genérico e que se caracterizem pela quebra da direção da conduta da vida cotidiana (a qual se orienta pelo “eu”) e pela constituição de formas de relação direcionadas ao “nós”. Para isso, é preciso alterar o ritmo da e na vida vivida, por meio do estabelecimento de pausas que possibilitem ao sujeito exercitar seu olhar na busca do não aparente, a fim de desvelar os mistérios e as causas que fazem a realidade se apresentar tal como é. O humano-genérico não nega a cotidianidade, mas a incorpora em uma complexa rede que amalgama passado, presente e futuro, contrapondo, dialeticamente, o que se pode ser efetivamente ao que se pode ser potencialmente, produzindo um tensionamento permanente entre o real e o ideal (Arendt, 1958/2016; Heller, 1989; Souza, 2016).

4.2. Voando para dentro: o lugar de dores, cores e gratidão

*Minha vida, minha vida feliz Eu to no gancho da vida Emoção, fantasia
Minha vida num conto de fadas não caberia
(Uma vida só – O Rappa)*

Estávamos em nosso 5º dia de intervenções, ainda no primeiro semestre de 2017. Dentre as propostas de atividades para aquele semestre, tínhamos a apreciação de 24 fotografias selecionadas dos projetos do fotógrafo Sebastião Salgado, tais como: Trabalhadores de 1996, Terra de 1997, Outras Américas de 1999, Êxodos de 2000, África de 2007 e Gênese de 2013 e um vídeo denominado “O Drama Silencioso da Fotografia”, que se refere a uma palestra do fotógrafo, em que ele narra sua autobiografia, abordando vivências nas quais, a um só tempo, explora intensamente alegrias e tristezas.

[...] naquela noite, cheguei um pouco mais cedo, como costumava fazer nas semanas que demandavam preparação de equipamentos de áudio, vídeo e projeções de imagens. Ao ouvir o sinal para o início da segunda aula, fui em direção à porta para receber os alunos da turma do 2º C que viriam até a sala para o nosso encontro. De pouco em pouco, os alunos entraram na sala, enquanto alguns me cumprimentaram com aperto de mão, outros cabisbaixos disseram boa noite e se sentaram; um grupo de garotos chegou e ficou na frente da sala, entre eles o aluno Caleb, que perguntava qual seria o filme que eles assistiriam (DC 07 – 16/05/2017).

Após os alunos se organizarem em semicírculo, iniciamos o encontro conversando brevemente sobre o encontro da semana anterior:

[...] Iris recordou que ouvimos juntos uma música da banda O Rappa, só que não se lembrava do nome da música, apenas se lembrava de que se falava da história de um rapaz e que é importante aproveitar a vida. Muitos riram [...] outros alunos também comentaram sobre a música e as atividades da semana anterior, então falei um pouco mais a respeito, complementando o que Iris trouxera [...] era possível perceber que os alunos estavam curiosos em relação ao que faríamos naquele dia. O aluno Ezequiel me perguntou se eu precisava de ajuda com o projetor e se podíamos iniciar logo, pois queria saber assistiríamos (DC 07 – 16/05/2017).

Durante a exibição das fotografias, os alunos se mantiveram atentos e, em alguns momentos, comentavam em voz baixa com o colega ao lado, mas era possível ouvir apenas o barulho do lado de fora da sala. Percebi que estavam se envolvendo de um modo diferente, principalmente porque em determinados momentos a turma fazia silêncio absoluto [...]. Percebi que a aluna Ana Júlia, sentada ao lado de Clay e Maria, chorou e foi acariciada pelos colegas [...] (DC 07 – 16/05/2017).

Neste dia, após a exibição das fotografias, perguntei à turma o que viram e como se sentiam. Assim como durante a exibição, a turma permaneceu em silêncio. Percebi que o silêncio naquele momento era importante e, por alguns instantes, procurei não fazer perguntas, apenas aguardar. A professora Olívia, que estava ao meu lado, disse que ia sair um pouco da sala porque achava que eles não queriam falar por causa de sua presença ali, mas mesmo com a saída dela os alunos permaneceram em silêncio.

[...] após alguns minutos de silêncio, perguntei para os alunos se eles já tinham visto aquelas fotografias, se conheciam ou sabiam de qual fotógrafo eram, então um dos alunos respondeu que conhecia, disse que tinha ido a uma exposição e que as fotos eram do Sebastião Salgado. Alguns disseram que se lembravam das fotos do Projeto Serra Pelada, enquanto a maioria disse não conhecer. Então, disse a eles que apresentaria o fotógrafo por meio de um vídeo. Percebi que os alunos reagiram de outro modo durante o vídeo, voltaram a conversar baixinho entre eles, pedindo que o colega repetisse alguma palavra ou situação contada pelo fotógrafo que não haviam compreendido, porque o vídeo estava em inglês e era legendado. A proposta de uma conversa após o vídeo se deu com a participação da professora Olívia, que junto comigo explicou aos alunos que aquela palestra foi gravada fora do Brasil, que fazia parte de uma série de outras conferências e que, por essa razão, estava em inglês. O principal comentário dos alunos em relação ao vídeo foi o depoimento do fotógrafo de que teria adoecido de tanto fotografar situações tristes (Diário de Campo 5º encontro – apreciação de fotografias e exposição de palestra do fotógrafo Sebastião Salgado).

Neste dia, um dos objetivos da intervenção era promover a reflexão sobre os temas que apareciam nas fotos – no caso das primeiras, acessar as formas de trabalho, sobretudo de exploração do trabalhador; no caso das demais, tomar contato com as condições de vida de realidades distantes da vivida no Brasil, mas nem por isso menos duras e perversas; e, no caso do último projeto, Gênesis, pensar sobre as possibilidades de superação dos problemas

retratados nos projetos anteriores pelo próprio fotógrafo, contrapondo os limites e as possibilidades. Foi proposto, logo após a apresentação das imagens e da discussão, que cada aluno escolhesse uma ou mais das fotografias apresentadas e escrevesse uma história a partir dela.

“Vendo aquelas imagens, perguntas, comentários, e até a história do Sebastião Salgado praticamente viajei, fui ao outro lado do mundo e comecei a ter uma visão mais ignorante talvez. Imaginei ao mesmo tempo que via as imagens o inverso na realidade, ricos ostentando muito luxo e não necessidade, criança pedindo esmola no semáforo, meninos de periferia virando famoso, famoso virando morador de rua. Com isso cheguei à ignorante conclusão que infelizmente não adianta imaginar o que se seria se ela tivesse a oportunidade de ser outra pessoa, pois mesmo assim terá alguém nascendo, vivendo do pior lado da vida, infelizmente o egoísmo que existe entre os humanos não deixa que eles mesmos salvem uns aos outros” (David, 17 anos, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

De acordo com Petroni e Pissolatti (2016), a fotografia parece aproximar os sujeitos da realidade, ao mesmo tempo em que os afasta, já que se refere a uma reprodução. Permite um olhar diferenciado do sujeito ao ser tocado por ela, que pode ser entendido como uma tomada de consciência, já que exige a um só tempo que o sujeito volte-se para si e para o outro.

Esse movimento fica evidente nos textos que apresentamos a seguir, todos construídos a partir da proposta de se colocar no lugar de um personagem das fotografias e escrever como as pessoas se sentiam naquelas situações. Um a um foram fazendo suas escolhas e suas produções expressam a contradição que caracteriza a expressão artística. Se por um lado as pessoas não têm saídas, não têm rumos, visto o egoísmo do homem, por outro, emerge a esperança na forma de valorização do que se tem, o que é suscitado pela vivência, ainda que imaginada, da miséria alheia.

Imagine toda passando frio, fome, sede,
 sem abrigo, crianças sem pais, pessoas morrendo,
 pessoas trabalhando feito escravos sem em
 troca de nada só apanham, morrem tra-
 balhando, crianças trabalhando, crianças
 abandonadas, crianças sem roupas, pessoas
 que não tem destino não tem rumo (direção)
 de sua vida, não tem lugar para onde
 ir, um vazio no peito, sem amor, sem
 carinho, crianças sem conforto de pai e
 mãe, nos tempos de hoje, muitas pessoas
 desperdiçam comida, quanto outros morrem
 de fome, morrem de sede, muitas pessoas não
 dão valor naquilo que tem e aquilo que ganham.
 Eu recomendo a dar valor tudo aquilo que
 tem e sua família, são muito importantes

Figura 08: “Imagino todos passando frio, fome, sede, sem abrigo, crianças sem pais, pessoas morrendo, pessoas trabalhando feito escravos em troca de nada, só apanham, morrem trabalhando, crianças trabalhando, crianças abandonadas, crianças sem roupas, pessoas que não tem destino, não tem rumo (direção) de sua vida, não tem lugar para onde ir, um vazio no peito, sem amor, sem carinho, criança sem conforto de pai e mãe. Nos tempos de hoje, muitas pessoas desperdiçam comida enquanto outras morrem de fome, muitas pessoas não dão valor naquilo que tem aquilo que ganham. Eurecomendo a dar valor, tudo aquilo que você tem é sua família, são muito importantes” (Ezequiel, 16 anos – 5º encontro, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

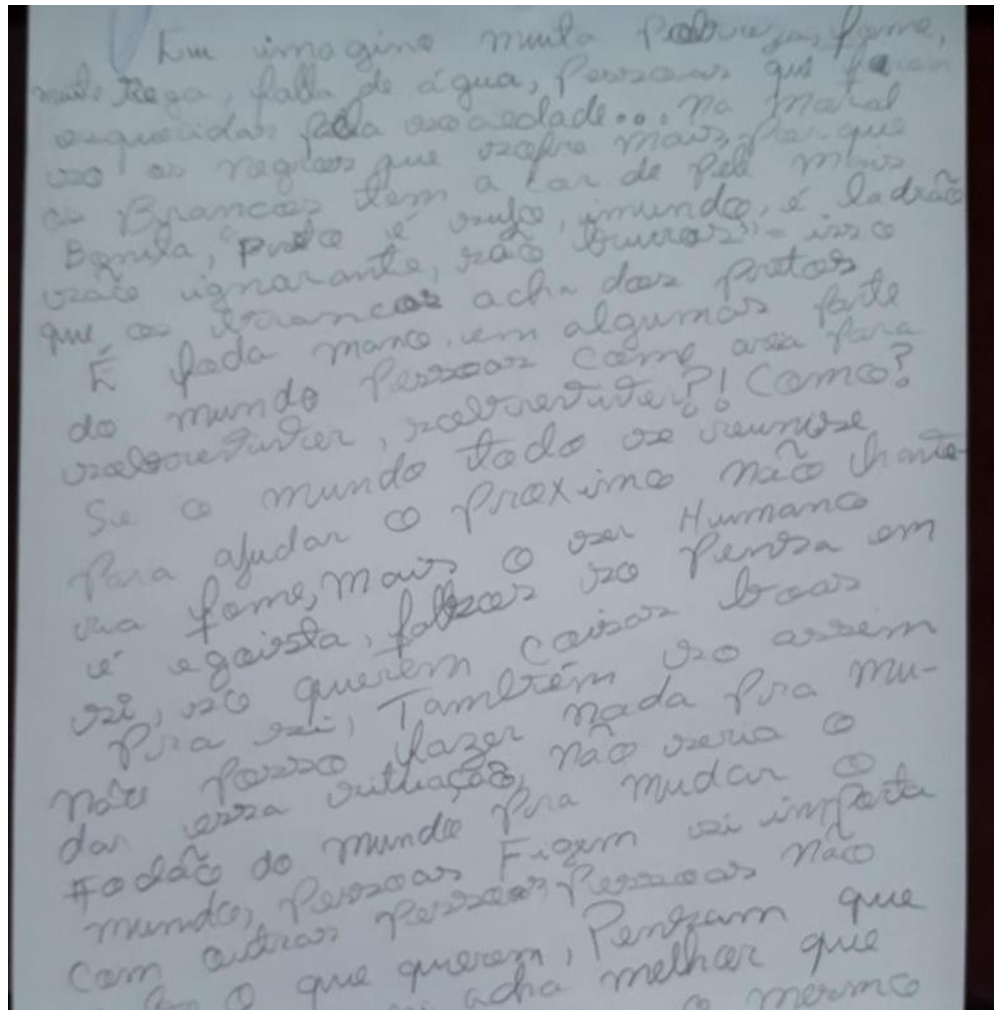


Figura 09: “Eu imagino muita pobreza, fome, falta de água, pessoas que foram esquecidas pela sociedade... na moral, só os negros sofrem mais, porque os brancos tem a cor da pele mais bonita - preto é sujo, imundo, é ladrão, são ignorantes, são burro - é isso que os brancos acham dos pretos. É foda mano, em algumas partes do mundo pessoas comem areia para sobreviver! Sobreviver? Como? Se o mundo todo se reunisse para ajudar o próximo não haveria fome, mas o ser humano é egoísta, falsos, só pensam em si, só querem coisas boas pra si, também só assim não posso fazer nada para mudar essa situação, não seria o fôdão pra mudar o mundo; pessoas fingem que se importam com as outras pessoas, pessoas não sabem o que querem, pensam que sabem o que querem pensam que são felizes se acham melhor que os outros [...] (Aluno, ass. como anônimo 5º encontro, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

Eu acho que a menina não tem terra porque teve guerra no País dela e provavelmente ela foi a única que sobreviveu de sua família. Eu me sinto triste quando vejo uma criança sem terra, deve ser muito ruim para ela ter que crescer sem pai e sem mãe, talvez ela será adotada ou sei lá, eu me coloco no lugar de uma criança dessa e fico muito triste por ela e também é triste saber que isso não acontece só com ela, e sim com milhares de pessoas, e dói saber que ela deve ter passado sede e fome enquanto muita gente desperdiça água e comida.

Figura 10: “Eu acho que a menina não tem terra porque teve guerra no país dela e provavelmente ela foi a única que sobreviveu de sua família. Eu me sinto triste quando vejo uma criança sem terra, deve ser muito ruim pra ela ter que crescer sem pai e sem mãe, talvez ela será adotada ou sei lá; eu me coloco no lugar de uma criança dessa e fico muito triste por ela, e também é triste saber que isso não acontece só com ela, e sim com milhares de pessoas e dói saber que ela deve ter passado sede e fome enquanto muita gente desperdiça água e comida” (Eliza, 16 anos – 5º encontro, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

Quando vi essas imagens, meus olhos rapidamente se encheram de lágrimas. Fiquei imaginando o quão difícil deve ser para aquelas pessoas a situação em que vivem. Na minha cabeça só veio que elas passavam fome, sede, frio e/ou calor e lutavam para se manter vivas. Imagino o sofrimento de uma mãe ao ver o filho naquele estado, sem poder fazer muito para ajudar, provavelmente sacrificando suas necessidades para satisfazer os seus filhos. E também ao ver as imagens me senti ridícula por reclamar tanto da minha vida, vendo essas pessoas passarem por tantas dificuldades assim, acho também que ao invés de reclamarmos do que não temos deveríamos agradecer pelo que já possuímos e fazer o possível para ajudar o próximo.

Figura 11: “Quando vi essas imagens, meus olhos rapidamente se encheram de lágrimas. Fiquei imaginando o quão difícil deve ser para aquelas pessoas a situação em que vivem. Na minha cabeça só veio que elas passavam fome, sede, frio e/ou calor e lutavam para se manter vivas. Imagino o sofrimento de uma mãe ao ver o filho naquele estado, sem poder fazer muito para ajudar, provavelmente sacrificando suas necessidades para satisfazer os seus filhos. E também ao ver as imagens me senti ridícula por reclamar tanto da minha vida, vendo essas pessoas passarem por tantas dificuldades assim, acho também que ao invés de reclamarmos do que não temos deveríamos agradecer pelo que já possuímos e fazer o possível para ajudar o próximo” (Clara, 16 anos – 5º encontro, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

Quando eu vejo o vídeo passando, acredito que quando qualquer pessoa vê o vídeo sente uma tristeza, um aperto no coração, uma angústia que nos toma conta. Essas pessoas que sofrem dessas situações muitas vezes não são ajudadas e isso as causa um grande desconforto, ou seja, um sinal de desaprovação da própria humanidade!

Nós temos que pensar, e se fosse eu? E se fosse com a minha família? Essas pessoas passam sua vida inteira nesses lugares desagradáveis, lugares que são praticamente impossíveis de ter uma vida saudável.

Não sei como terminar, me desculpe te fazer esperar...

Essa foi uma rima pra te alegrar, e nessas situações degradantes parar de pensar...

Figura 12: “Quando eu vejo o vídeo passando, acredito que quando qualquer pessoa vê o vídeo sente uma tristeza, um aperto no coração, uma angústia que nos toma conta. Essas pessoas que sofrem dessas situações muitas vezes não são ajudadas e isso lhes causa um grande desconforto, ou seja, um sinal de desaprovação da própria humanidade! Nós temos que pensar – e se fosse eu? - E se fosse com a minha família – Essas pessoas passam sua vida inteira nesses lugares desagradáveis, lugares que é praticamente impossível de ter uma vida saudável. Não sei como terminar, me desculpe te fazer esperar, essa foi uma rima pra te alegrar, e nessas situações degradantes parar de pensar...” (anônimo, 16 anos - 5º encontro, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

Sebastião Salgado ✓

Um fato que me chamou atenção no vídeo, foi a parte em que ele tenta recomeçar com a fotografia, mas dessa vez tendo em foco os animais, e não nós. Pois como no início estava morrendo de tanto ver morte, recomeçou mostrando a vida.

E também a forma como ele trabalha em parceria com a esposa, que desde jovem sempre esteve apoiando ele e ajudando a fazer os livros de fotografias, ela quem teve a ideia de reformar a fazenda na qual Sebastião cresceu, no meio de tanta árvore, e que na época estava destruída, sem vida, assim como Sebastião, e ter feito o reflorestamento foi como revivê-lo.

Figura 13: “Um fato que chamou atenção no vídeo foi a parte em que ele tenta recomeçar com a fotografia, mas dessa vez tendo em foco os animais, e não nós. Pois como no início estava morrendo de tanto ver morte, recomeçou mostrando a vida. E também a forma como ele trabalha em parceria com a esposa, que desde de jovem sempre esteve apoiando ele e ajudando a fazer os livros de fotografias, ela quem teve a ideia de reformar a fazenda na qual Sebastião cresceu, no meio de tanta árvore e na época estava destruída, sem vida, assim como Sebastião, e ter feito o reflorestamento foi como revivê-lo. (Clay, 16 anos – 5º encontro, após apreciação de fotografias Sebastião Salgado).

Observa-se que emoções contraditórias são vividas tanto na apreciação das imagens e do documentário como nas produções a partir deles. Várias camadas de leitura, de enfoques, de emoções vão se expressando e se movimentando dentro do próprio texto de cada um, ou no conjunto deles quando tomados de uma só vez, razão pela qual optamos por colocá-los na sequência, ainda que correndo o risco de o leitor compreender esta forma como “excesso de descrição”. Contudo, não nos foi possível recortar essas expressões justamente pela nossa proposta de dar voz aos adolescentes de Ensino Médio público noturno – aqueles que são “desinteressados”, segundo alguns educadores. As produções acima revelam pensamentos críticos, complexos, que lançam mão de conceitos elaborados, de visões ampliadas, de consciência de si e do outro. Produções que revelam adolescentes em franco processo de desenvolvimento, ascendendo a modos mais abstratos de pensamento, com potencial para seguir para outros patamares de estudo e inserção social.

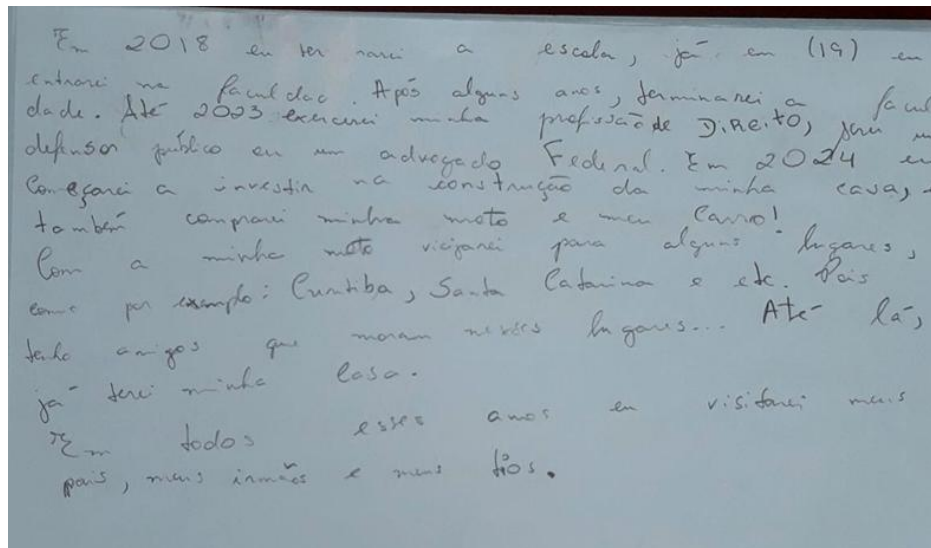
Voltemo-nos para outro momento em que as vivências se manifestam de modo mais positivo. Localizamo-nos em nosso 6º encontro, percebíamos maior interesse e envolvimento dos alunos. Decidimos, então, retomar a temática de pensar sobre o futuro com as turmas. Optamos novamente pela música como materialidade mediadora. Imaginamos que, tanto pela melodia quanto pela letra, a música “Uma vida só” (Banda O Rappa) poderia contribuir para novas reflexões - (Diário de Campo, audição da música Uma vida só). Para a realização da atividade escrita, mantivemos a mesma proposta levada no 3º encontro, reapresentando a pergunta: Como você se imagina daqui a 10 anos?

Neste momento, tínhamos a intenção de retomar o assunto buscando possibilitar aos alunos, através da materialidade, a atribuição de novos sentidos ao passado, presente e futuro.

[...] durante a audição da música percebi que as alunas, Ana Júlia e Maria estavam cantando baixinho. Observei também que alguns alunos faziam barulho batendo na carteira, em uma tentativa de acompanhar o ritmo da música. Sentado ao meu lado estava o professor José Antônio, que comentou que achava que os alunos estavam

gostando. Quando estávamos quase concluindo a audição, três alunos que estavam fora da sala entraram, quando terminamos de ouvir, os três alunos pediram se poderíamos ouvir de novo, então os colegas responderam que queriam ouvir também. (DC 08 – 30/ 05/2017).

Neste momento da pesquisa-intervenção, percebíamos que os alunos já se mostravam mais tocados em sua afetividade, ensaiando movimentos que evidenciavam um maior investimento ao se imaginarem no futuro, tanto nas atividades dialogadas quanto nas produções de escrita. Os alunos investiam mais em apresentar os possíveis caminhos para alcançar o que desejavam para suas vidas, sendo capazes de elaborar produções em que articularam ideias e planos para o futuro, como é possível identificar nos textos que apresentamos na sequência:



Em 2018 eu terminarei a escola, já em (19) eu entrarei na faculdade. Após alguns anos, terminarei a faculdade. Até 2023 exercerei minha profissão de Direito, serei um defensor público ou um advogado Federal. Em 2024 eu começarei a investir na construção da minha casa, e também comprarei minha moto e meu carro! Com a minha moto viajarei para alguns lugares, como por exemplo: Curitiba, Santa Catarina e etc. Pois tenho amigos que moram nesses lugares... Até lá, já terei minha casa. Em todos esses anos eu visitarei meus pais, meus irmãos e meus tios.

Figura 14: “Em 2018 eu terminarei a escola, já em 2019 eu entrarei na faculdade. Após alguns anos, terminarei a faculdade. Até 2023 exercerei minha profissão de direito, serei um defensor público ou um advogado federal. Em 2024 eu começarei a investir na construção da minha casa e também comprarei a minha moto e meu carro. Com a minha moto viajarei para alguns lugares, como exemplo: Curitiba, Santa Catarina e etc. Pois tenho amigos que moram nesses lugares. Até lá já terei minha casa. Em todos esses anos eu visitarei meus pais, meus irmãos, e meus tios”.

O mesmo aluno escreve o poema abaixo, ilustrado na figura 15, que ao entregar diz dedicá-lo a mim em agradecimento:

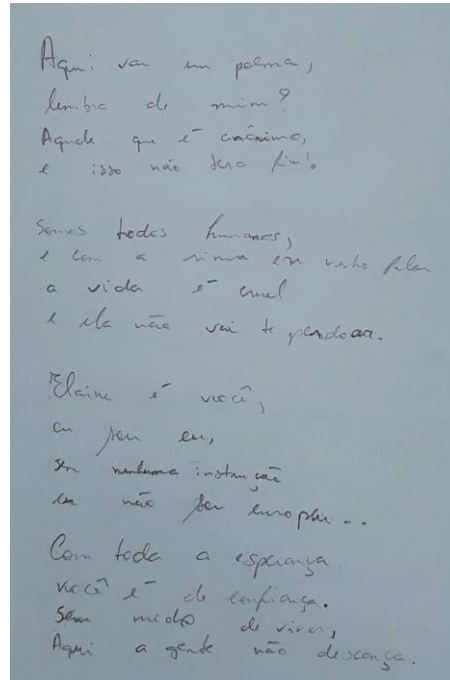


Figura 15: Poema

“Aqui vai um poema lembra de mim? aquele que é anônimo e isso não terá fim!

**Somos todos humanos,
e com a rima eu venho falar a vida é cruel
e ela não vai te perdoar.**

**Elaine é você, eu sou eu,
sem nenhuma instrução
Eu não sou eu europeu**

**Com toda esperança você é de confiança sem medo de viver
aqui a gente não se cansa**

**Temos que viver o presente
pois o futuro ainda não aconteceu se quiser viver apenas o futuro você perderá
presente
Viva o hoje e não perderá o amanhã”**

(anônimo, 16 anos. 2º ano noturno – Atividade após audição da música Uma vida só).

A produção que apresentamos propõe uma similaridade identificada na maioria das produções desenvolvidas neste encontro. O aluno demonstra interesse por ingressar em uma faculdade e a vontade de atuar na profissão escolhida. Também observamos que o desejo de constituir uma família está presente, assim como de conhecer e visitar novos lugares e estar perto da família e amigos.

Quanto ao poema escrito pelo aluno, verificamos uma peculiaridade no modo como ele foi afetado, desenvolvendo outra forma de expressão artística a partir da relação com a

música apresentada. O anônimo que intenta ser lembrado, apresenta frases de impactos profundos, dizendo ser infinito o seu anonimato. Propõe uma rima para trazer a condição cruel do humano e se coloca muito distante daquele que imagina ter acesso ao conhecimento. Traz a esperança e a confiança quando escreve sobre o cansaço, fazendo o movimento de negá-lo, o que nos parece ser a condição para conseguir lidar com o presente. E, para finalizar, explica o porquê de não se lançar inteiramente ao futuro, destacando a importância de viver o presente para então alcançar o futuro.

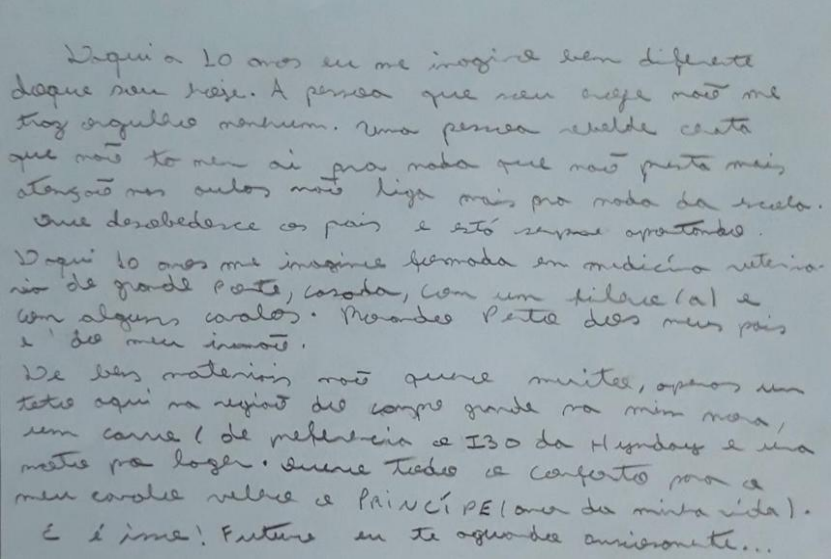
Chama atenção a diferença de conteúdo entre o texto e a poesia: se o texto se constitui como uma espécie de fantasia em que o adolescente expressa seus desejos sem qualquer relação com a situação que vivencia na atualidade, na poesia expressa uma visão crítica, em que aponta a necessidade de se viver o presente com consciência das possibilidades, sem se guiar pelo futuro, que ainda não existe. É a contradição que emerge de sua expressão, o que, sem dúvida, revela seu potencial para agir na construção de muitas possibilidades.

No livro *Psicologia da Arte*, derivado da tese de doutorado de Vigotski, entendemos que uma música por si só não cria nada. No entanto, enquanto expressão artística, ela pode promover a elaboração de sentimentos que antes estavam adormecidos, possibilitando a orientação para o futuro, pois permite que o sujeito aspire ao que estava dissociado de seu cotidiano anteriormente (Vigotski, 1925/2001). Observamos esse movimento na produção do aluno, que desenvolve uma escrita poética, que nos permite pensar sobre a mobilização que a música apreciada foi capaz de despertar.

Nesse sentido, também é possível dialogar com Pederiva e Tunes (2013) em relação à música como materialidade mediadora. As autoras consideram que um ouvinte não é um ser passivo, pois ao ouvir uma música e ter contato com os sentimentos por ela produzidos, este por sua vez empreende um processo de subjetivação e transformação desses sentimentos.

O que se observa é que, se em um primeiro momento o convite à reflexão sobre como

os adolescentes se imaginavam no futuro despertou ideias descoladas da realidade, ou seja, atreladas à fantasia, no momento seguinte da pesquisa-intervenção este convite despertou o que parece ser um nível mais elevado de consciência sobre o momento atual, das relações que os envolvem, das necessidades de mudanças e a ideia de que para se atingir o futuro é preciso vivenciar o processo que se desdobra no presente. Identificar o desenvolvimento e a ampliação de consciência dos alunos neste momento da pesquisa nos remete a outras questões, sobretudo porque quando falamos do desenvolvimento de uma função, podemos atribuir o desenvolvimento às demais funções do sistema psíquico: pensamento, memória, vontade, emoções e imaginação (Vigotski, 1935/2010). Observemos o excerto abaixo:



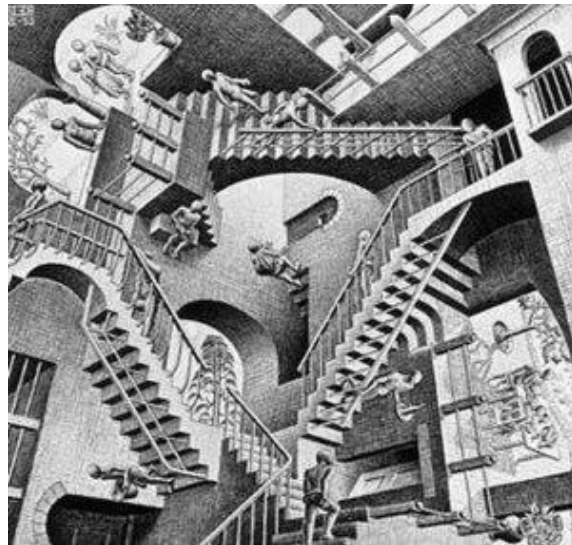
Daqui a 10 anos eu me imagino bem diferente do que sou hoje. A pessoa que sou hoje não me traz orgulho nenhum. Uma pessoa rebelde, chata, que não está nem aí para nada, e que não presta mais atenção nas aulas, não liga pra nada da escola; que desobedece os pais e está sempre aprontando. Daqui 10 anos me imagino formada em medicina veterinária de grande porte, casada, com um filho (a) e com alguns cavalos. Morando perto dos meus pais e do meu irmão. De bens materiais não quero muito, apenas um teto aqui na região do Campo Grande pra mim morar, um carro (de preferência I30 da Hynday e uma moto para lazer). Quero todo o conforto para o meu cavalo velho o Príncipe (amor da minha vida). E é isso! Futuro eu te aguardo ansiosamente...

Figura 16: “Daqui a 10 anos eu me imagino bem diferente do que sou hoje. A pessoa que sou hoje não me traz orgulho nenhum. Uma pessoa rebelde, chata, que não está nem aí para nada, e que não presta mais atenção nas aulas, não liga pra nada da escola; que desobedece os pais e está sempre aprontando. Daqui 10 anos me imagino formada em medicina veterinária de grande porte, casada, com filho (a) e com alguns cavalos. Morando perto dos meus pais e do meu irmão. De bens materiais não quero muito, apenas um teto aqui na região do Campo Grande pra mim morar, um carro (de preferência I30 da Hynday e uma moto para lazer). Quero todo o conforto para o meu cavalo velho o Príncipe (amor da minha vida). E é isso! Futuro eu te aguardo ansiosamente...” (Andrea, 16 anos - 6º encontro, após audição da música Uma vida só).

Este exemplo demonstra uma insatisfação no modo como a aluna se percebe no momento atual – “A pessoa que sou hoje não me traz orgulho nenhum [...] rebelde, chata, que não está nem aí para nada, e que não presta mais atenção nas aulas, não liga pra nada da

escola [...] – mas também nos apresenta os caminhos e possibilidades que ela identifica para que no futuro consiga se perceber de um outro modo. Nos remete às ideias de Vigotski (2004) quando afirma que, paradoxalmente, é no interior das condições mais adversas que serão gestados os germens das mudanças mais profundas e importantes para o processo de emancipação humana.

Ainda mobilizados por promover reflexões sobre o futuro como forma de apropriação do presente, no 7º encontro com o grupo apresentamos algumas reproduções de obras do artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher. O artista é conhecido por suas xilogravuras, litografias e meios-tons, que tendem a representar construções impossíveis, explorar o infinito e metamorfoses. Suas obras apresentam padrões geométricos entrecruzados que se transformam gradualmente em formas diferentes (Ernst, 2007). Foram apresentadas quatro imagens para a apreciação dos alunos.



Relativity - M.C. Escher (1953)



Ascending and Descending - M.C. Escher (1960)



Convex and Concave - M.C. Escher (1955)



Day and Night - M.C. Escher (1938)

[...] o aluno Caio **se levantou** em direção à frente da sala onde estavam as imagens e disse para os colegas que estavam sentados ao seu redor – “*Gente vamos... vocês vão ficar aí parados? [...] eu vou ver bem de pertinho, tem muita informação e de longe não dá pra ver (sic). Enquanto ele contemplava a primeira imagem disse: É muito legal ver de perto, a gente descobre mais coisas*” (sic). Naquele momento percebi que **aos poucos outros alunos fizeram o mesmo movimento** que Caio, indo em direção a imagem que estava exposta, e comentavam entre eles o que percebiam. Enquanto outros permaneceram sentados, conversando sobre a imagem com os colegas do lado [...]. Aguardei por alguns minutos e pedi conversássemos um pouco sobre o que viam na imagem (DC 09 – 06/ 06/2017).

“[...] dona, viajei total. Não dá pra saber para onde os bonequinhos estão indo (sic) disse a aluna Isa – *Claro que dá, só que eles vão cada um para um lado, parece que é isso que confunde [...] mas dá pra ver sim, tem gente que tá subindo, tem gente que desce, tem até um com um saco nas costas [...] o que não dá saber é o que eles estão fazendo, acho que estão trabalhando, olha aquele com uma bandeja na mão*” (sic) comentou Laura. No fundo da sala alguns meninos riam, pedi que eles contassem para a turma, e o aluno Ezequiel comentou – “*nós estamos vendo quem o Caio ali*” – [...] *eu sou aquele olhando lá de cima*” [...] “**eu acho que parece um castelo, sim é isso, parece um castelo e lá dentro as pessoas estão fazendo muitas coisas, mas péra, tem gente de fora também**” (sic) – disse Ezequiel (DC 09 – 06/ 06/2017).

“*vish, agora sei, é castelo mesmo. Aquele da outra imagem era o lado de dentro e esse é o lado de fora [...] e esses bonequinhos estão procurando por onde entrar*” (sic) Ezequiel - “*parece que vai rolar uma festa, ou sei lá, tipo quando a gente tá entrando na escola, tá ligado*” (sic) – Caleb. Os alunos conversavam bastante entre eles, me chamou a atenção o quanto eles se mostraram envolvidos com as imagens. Por um longo tempo trocaram opiniões e sugestões [...] a aluna Isa volta a comentar e dessa vez olhando em minha direção – “*Dona, parece uma casa antiga, me lembrei da casa da minha vó que também tinha escada por fora pra entrar*” (sic) (Amanda) – “*eu acho que a dona trouxe porque é igual a nossa vida, vai chegar uma hora que a gente vai ter saber para onde vai, para que lado vai*” (sic) - Ezequiel. (DC 09 – 06/ 06/2017).

Para Vigotski (1931/2006), a forma característica de relação da imaginação com a realidade na adolescência é mediada pelo pensamento por conceito, que é caracterizado pela generalização, que tem como ponto central o significado e o sentido. Podemos dizer que a imaginação é constituída por imagens, no que concerne à sua estrutura, e por significação, no que concerne ao seu conteúdo; essa significação tem no centro a emoção (Souza et al., 2018).

O avanço da imaginação na adolescência amplia a experiência do sujeito que consegue perceber fatos e fenômenos que estão além de sua observação direta. Entretanto, é o que

Vigotski (1931/2006) denomina de terceiro nível de relação da imaginação com a realidade que aqui interessa em especial, visto ter como mediação as emoções, o que a aproxima da Psicologia da Arte.

A proposta deste encontro era que, após a apreciação e diálogo sobre o que viam, produzissem um desenho e um texto sobre o vivido. Observem na sequencia alguns dos desenhos produzidos:

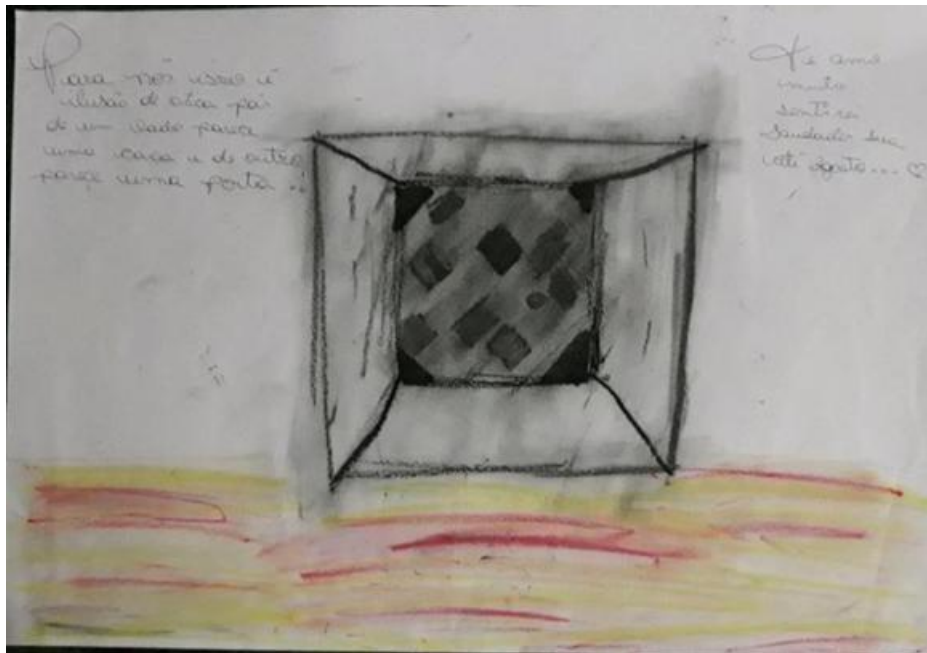


Figura 17: “Para nós isso é uma ilusão de ótica, pois de um lado parece uma caixa e de outro uma porta”- “Te amo muito sentirei saudade sua até agosto...”- (Elisângela, 16 anos – 7º encontro, após apreciação das imagens e biografia do artista Escher).

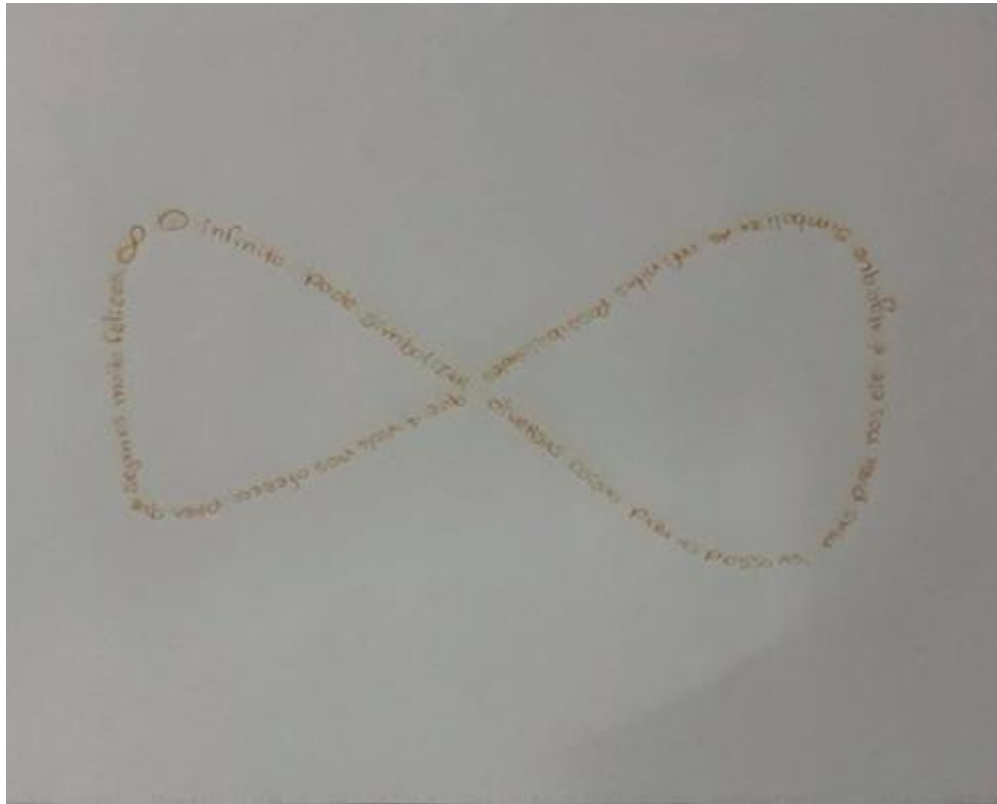


Figura 18: “O infinito pode simbolizar diversas coisas para as pessoas, mas para nós ele é algo que simboliza as infinitas possibilidades que a vida nos oferece para que sejamos muito felizes” (Renata, 17 anos – 7º encontro, após apreciação das imagens e biografia do artista Escher).

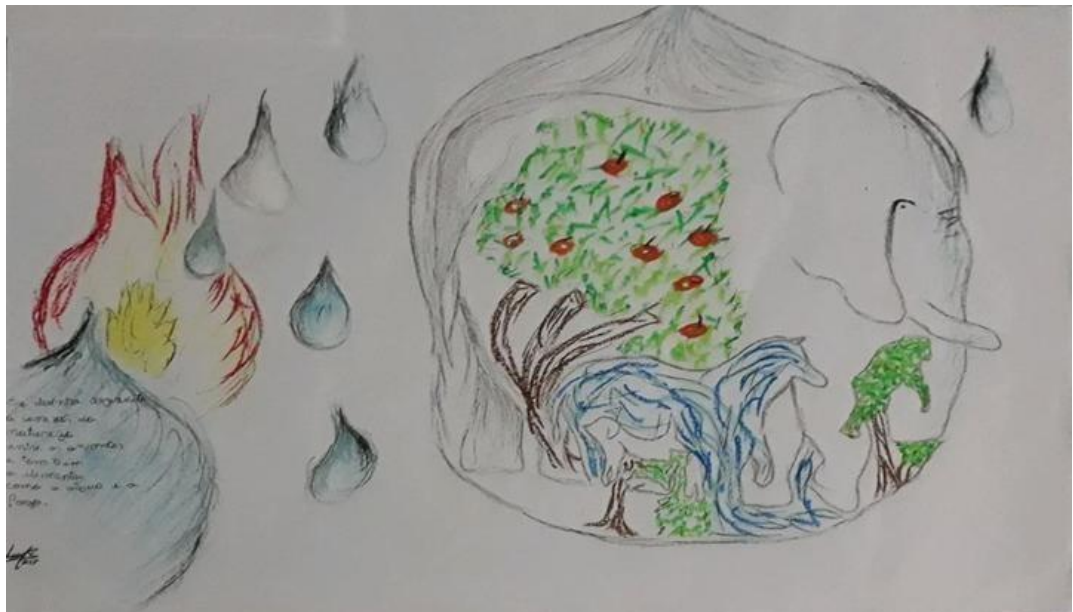


Figura 19: “Esse desenho representa a conexão da natureza entre os animais e também os elementos da água e o fogo”. (Ezequiel, 16 anos – 7º encontro, após apreciação das imagens e biografia do artista Escher).

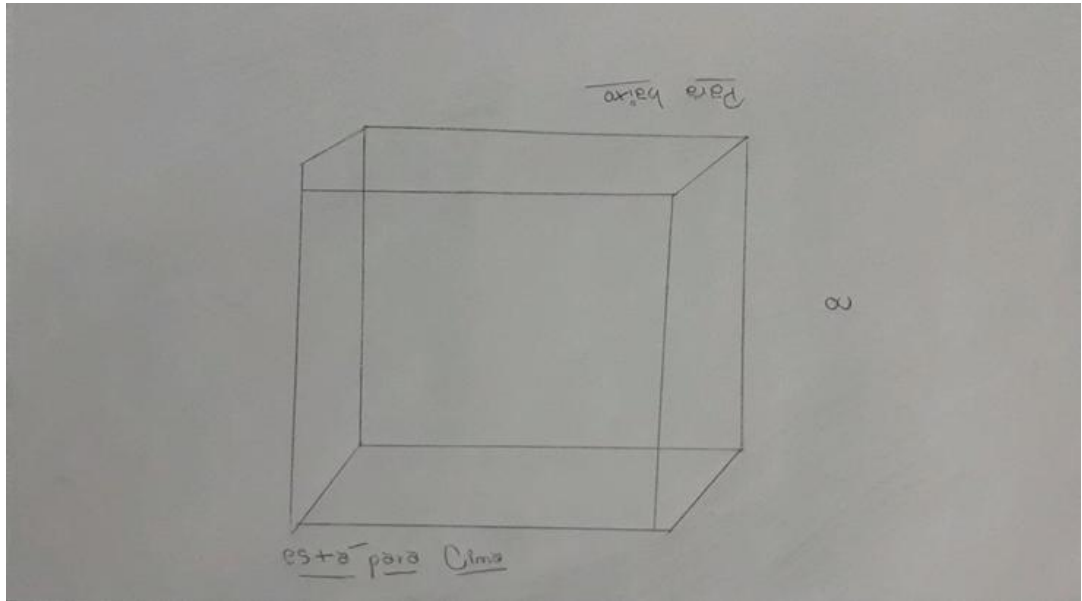


Figura 20: “Está para baixo ou para cima”. (Samuel, 17 anos – 2º ano do E.M).

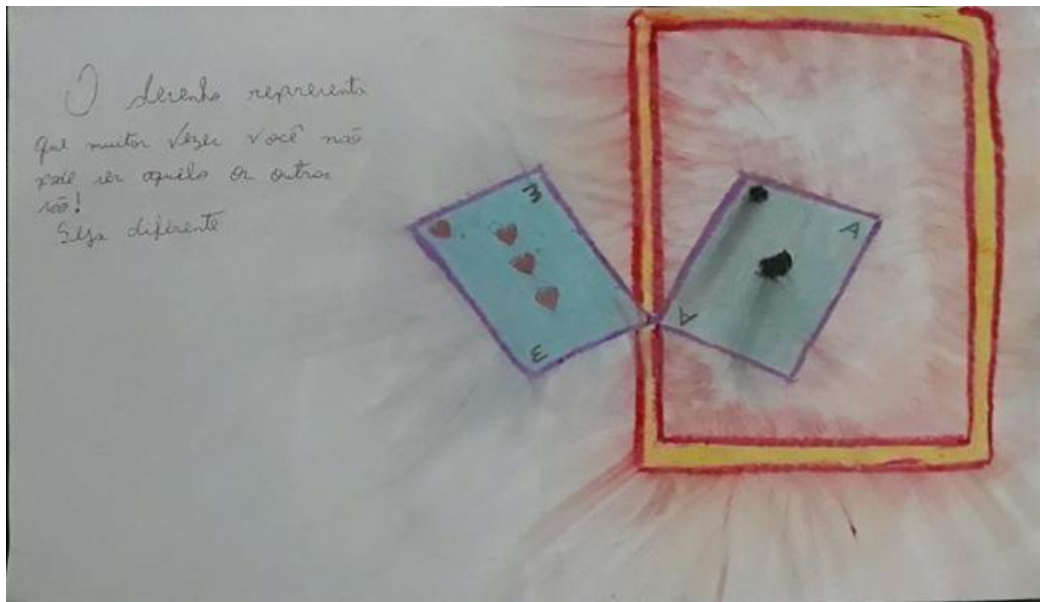


Figura 21: “O desenho representa que muitas vezes você não pode ser aquilo que os outros são!” “Seja diferente”. (Anônimo, 16 anos - 7º encontro, após apreciação das imagens e biografia do artista Escher).

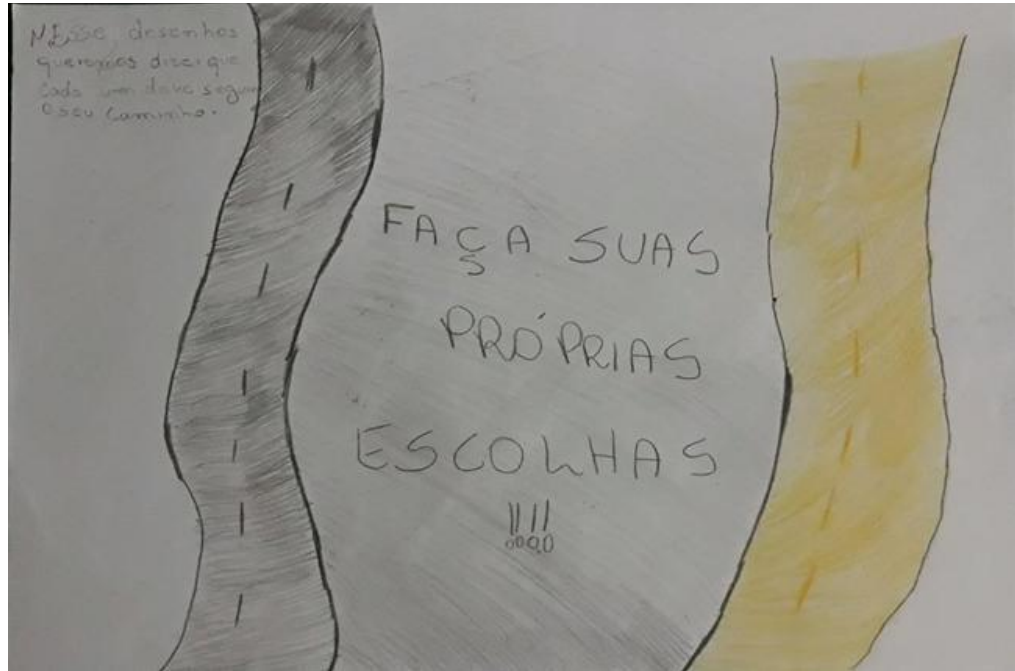


Figura 22: “Nesse desenho queremos dizer que cada um deve seguir seu caminho” - “Faça suas próprias escolhas”. (Rita, 16 anos – 2º. Ano noturno).

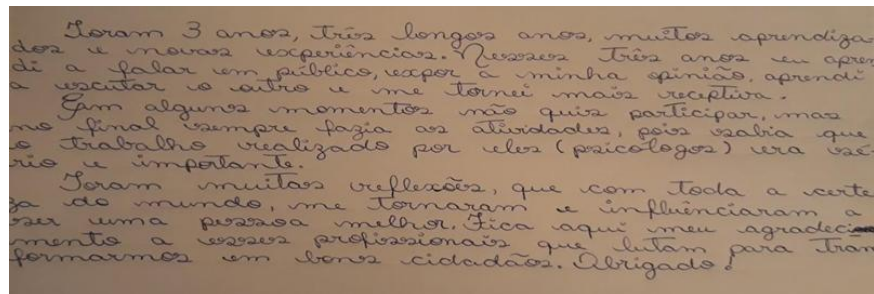
Neste momento, percebemos por meio das produções dos alunos novas formas e movimentos de representar o presente e o futuro. Parece que a materialidade possibilitou que fossem a outra dimensão, sendo possível identificar mais possibilidades de criação nas produções, sendo possível inferir que os alunos passaram a vivenciar e sinalizar a descoberta de diferentes e novos caminhos. Logo, as produções em desenhos, que antes apresentavam poucos traços e limitação de cores, nesse momento, trazem outras representações: ilusão de óptica, propondo diferentes elementos (aparentes e surpreendentes); figuras geométricas, que demonstram uma correlação às obras apresentadas; e diversidade de cores.

As informações e reflexões a seguir remetem ao último encontro com o grupo de estudantes, agora no 3º ano do Ensino Médio, ocorrido no mês de novembro de 2018. Neste encontro, apresentamos a imagem com que abrimos este capítulo, que foi produzida pelo artista contemporâneo Sérgio Ricciuto Conte. A imagem foi criada após o artista ter contato com algumas informações dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo PROSPED com alunos do

Ensino Médio, sobretudo informações referentes a esta pesquisa; para o artista, a imagem representa o trabalho desenvolvido com os alunos.

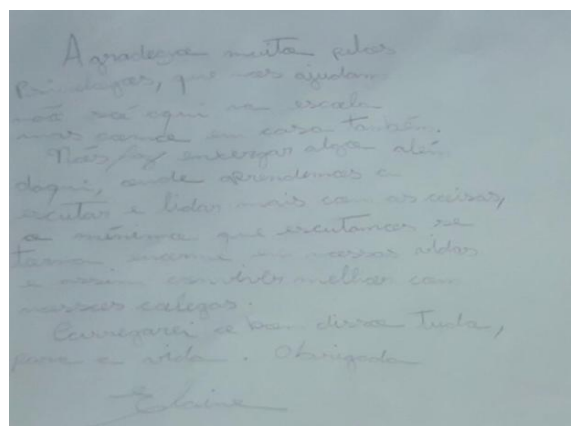
A proposta para este encontro foi a de que, após a exibição da imagem, conversássemos sobre os encontros realizados e que os alunos representassem através de desenhos ou textos como eles se sentiram em relação aos encontros realizados e o que o trabalho desenvolvido representou para eles. Dessa vez a similaridade foi em relação ao sentimento de gratidão, evidenciado nas expressões dos alunos.

Apresentamos na sequência alguns desenhos e textos produzidos:



Foram 3 anos, três longos anos, muitos aprendizados e novas experiências. Nesses três anos eu aprendi a falar em público, expor a minha opinião, aprendi a escutar o outro e me tornei mais receptiva. Em alguns momentos não quis participar, mas no final sempre fazia as atividades, pois sabia que o trabalho realizado por eles (psicólogos) era muito importante. Foram muitas reflexões, que com toda a certeza do mundo me tornaram e influenciaram a ser uma pessoa melhor. Fica aqui meu agradecimento a esses profissionais que lutam para transformarmos em bons cidadãos. Obrigado!

Figura 23: “Foram 3 anos, três longos anos, muitos aprendizados e novas experiências. Nesses três eu aprendi a falar em público, expor a minha opinião, aprendi a escutar o outro e me tornei mais receptiva. Em alguns momentos não quis participar, mas o trabalho realizado por eles (psicólogos) era importante. Foram muitas reflexões, que com toda certeza do mundo me tornaram e influenciaram a ser uma pessoa melhor. Fica aqui meu agradecimento a esses profissionais que lutam para transformarmos em bons cidadãos. Obrigado”.



Agradeço muito pelos psicólogos, que nos ajudam não só aqui na escola, mas em casa também. Nos faz enxergar algo além daqui, onde aprendemos a escutar e lidar com as coisas, o mínimo que escutamos se torna enorme em nossas vidas e assim convivemos melhor com nossos colegas. Carregarei o bom disso tudo para a vida. Obrigado!

Figura 24: “Agradeço muito pelos psicólogos, que nos ajudam não só aqui na escola, mas em casa também. Nos faz enxergar algo além daqui, onde aprendemos a escutar e lidar com as coisas, o mínimo que escutamos se torna enorme em nossas vidas e assim convivemos melhor com nossos colegas. Carregarei o bom disso tudo para a vida”.

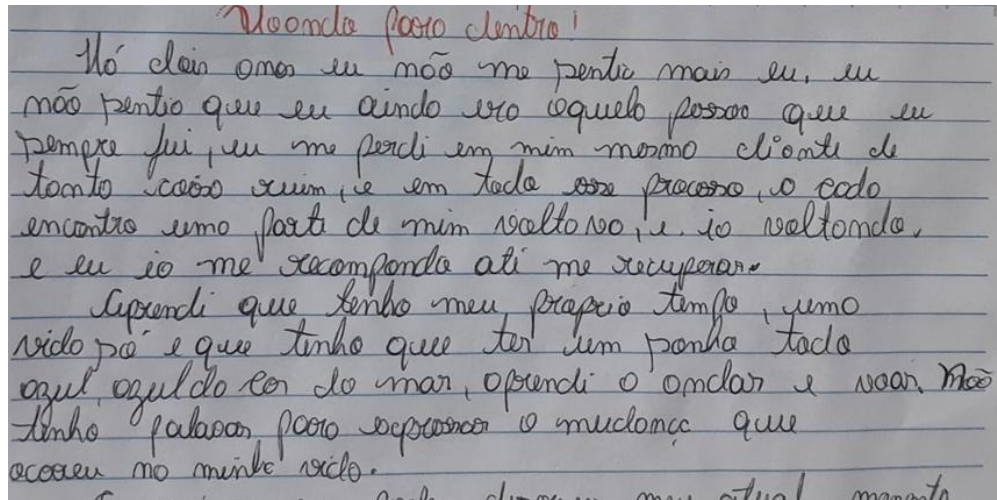


Figura 25: “[...] Há dois anos eu não me sentia mais eu, eu não sentia que eu ainda era aquela pessoa que eu sempre fui me perdi em mim mesma diante de tanta coisa ruim, e em todo esse processo, a cada encontro uma parte de mim voltava; e ia voltando e eu ia me recompondo até me recuperar. Aprendi que tenho meu próprio tempo, uma vida só e que tenho ter um sonho todo azul, azul da cor do mar, aprendi a andar e voar, não tenho palavras para expressar a mudança que ocorreu em minha vida”

O encerramento dos encontros desta pesquisa-intervenção foi concomitante à semana de encerramento do ano letivo de 2018, ano de conclusão do Ensino Médio dos alunos. Neste dia, apresentamos a imagem “Só a arte salva” produzida pelo artista Sergio Ricciuto a partir de relatos sobre esta pesquisa-intervenção. Enquanto ouvia os alunos me senti tomada de muita emoção, principalmente por perceber havia sido importante para as turmas. Foram muitas demonstrações de carinho e agradecimentos pelos encontros realizados, os alunos ressaltaram que se percebiam mais unidos, integrados e destacaram que os encontros contribuíram para que pudessem pensar em suas escolhas e no futuro.

[...] dia de conclusão do trabalho realizado com os alunos. Três anos dedicados ao projeto com os alunos do Ensino Médio, sendo dois destes anos dedicados à pesquisa-intervenção, que também se encerra. Sinto uma transformação [...] transformação que não se revela apenas por meio do que demonstraram os alunos, mas também a minha transformação como psicóloga-pesquisadora. Hoje me recordo do primeiro dia indo à escola no período noturno, quando me senti medo, mas busquei me encorajar na tentativa de contribuir com os alunos e com a escola. Hoje, a gratidão dos alunos me fez perceber o quanto foi importante a realização deste trabalho [...] (DC 33 - 15/11/2018).

Propusemos inicialmente que buscaríamos identificar os pontos de virada – por meio da expressão de emoções e reflexão, assim como tínhamos a intenção encontrar indicadores que pudessem revelar que os nossos protagonistas se mobilizavam em uma nova direção de pensamento e ação. O processo revelou a expressão de novas formas de relação com o espaço escolar e entre os alunos, o que ao final nos leva a uma reflexão – a importância de dar voz a estes adolescentes, investindo no desenvolvimento de um pensamento mais ampliado e crítico. É nesse sentido que buscamos cada vez mais, construir espaços que ofereçam possibilidades para que os sujeitos possam ter contato com novas formas de significação.

[...] sinto que aprendi muito mais do que almejava inicialmente. Hoje entendo a escola como um meio constituído pelo humano, revelador de profundas emoções. A atuação com os adolescentes de uma escola pública me possibilitou perceber que não basta apenas lançar mão de conhecimentos, é preciso avançar nas relações e compreender o compromisso social atrelado à nossa profissão. Escrevo as últimas linhas de um diário de atuação que me levou e certamente me levará a muitos lugares. O sentimento que me invade, em sintonia com o sentimento dos alunos, é de gratidão – carrego a certeza de que esse sentimento irá se traduzir em harmonia, melodia e ritmo em minha atuação trajetória [...] (Psicóloga-pesquisadora) - (DC 33 - 15/11/2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, em que tecemos nossas últimas considerações sobre esta pesquisa, identificamos a importância de retomarmos o nosso objetivo que fora investigar o potencial das ações do psicólogo escolar na mobilização de reflexões de alunos do Ensino Médio público sobre suas vidas: atual e futura.

Almejavamos, inicialmente, a identificação das condições de vida – atual e futura - dos adolescentes, e vimos, para além disto, o quanto eles foram mobilizados a pensar sobre si. O que se observa, ao retomarmos as cenas e os nossos protagonistas é que o investimento na relação da psicóloga-pesquisadora com os alunos, mediada pela arte, foi fundamental para possibilitar ressignificações destes alunos sobre seu papel nas diferentes interações de que tomam parte, a saber: escola, família, amigos, sociedade, assim como, sobre suas condições de vida atual e futura.

É possível dizer que esta pesquisa-intervenção possibilitou uma abertura de espaço para que os adolescentes participantes pudessem ressignificar suas emoções e pensamentos. Podemos constatar que essas ressignificações resultam das apreciações ocorridas nos encontros vivenciadas pelos alunos. Vemos o caráter promissor da Psicologia da Arte em ações que envolvem adolescentes, sendo possível identificar a arte, por um lado, como mediação potente da conscientização e ressignificação da realidade e, por outro, como promotora da imaginação que faz emergirem e se consolidarem importantes processos reflexivos e de criação para o desenvolvimento dos adolescentes.

Pode-se afirmar, ainda, que os encontros possibilitaram aos participantes se projetarem no futuro de um modo diferente do que aquele revelado nos primeiros encontros. Se em um primeiro momento os adolescentes se percebiam imobilizados, e a fantasia se apresentava como a única via possível às suas realizações e projeções no futuro, agora o processo apontou para um novo modo de compreensão e viabilização para concretizarem seus planos.

Os encontros possibilitaram a ampliação da imaginação, conforme apresentamos no segundo eixo da análise. A utilização de diferentes expressões artísticas permitiu experimentarem novas formas de interação, onde a troca de ideias, momentos de diálogo e silêncio, e identificações com os colegas permitiram até mesmo que encontrassem juntos soluções às questões apresentadas.

Portanto, podemos sugerir que a arte em nossas ações possibilita romper com a lógica do cotidiano, produzindo estranheza e então, partindo desse lugar de estranhamento, a mobilização da imaginação conduz a novas compreensões possíveis, no âmbito da emoção, do sentido e da significação e do percebido/compreendido.

Ademais, podemos concluir que nossas ações com adolescentes se mostraram potentes para se pensar possíveis caminhos e escolhas para suas vidas. Acreditamos que o objetivo de contribuir para a construção de práticas críticas de ação com alunos do Ensino Médio pode ser tributada ao potencial da arte como mediação de processos afetivos e de significação, de mobilização da imaginação, de promotora de processos criativos em relação às demandas atuais e futuras da vida vivida pelos adolescentes de escola pública noturna da periferia. E é neste sentido que percebemos nossa maior contribuição.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrada, P. C. Souza, V. L. T. (2015). Corpo e Docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19(2), 359-368.
- Antunes, M. A. M (2003). Psicologia e Educação no Brasil: um olhar Histórico-Crítico. In: Meira, M. E. M. & Antunes, M. A. M. (Orgs.). *Psicologia Escolar: teorias críticas* (pp. 139-165). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Araújo, C. M. M., & Almeida, S. F. C. (2010). Psicologia escolar institucional: desenvolvendo competências para uma atuação relacional. In *Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. (3ª ed.) Campinas: Alínea.
- Arendt, H. (2016). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1958).
- Arendt, H. (2009). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, E. T. (2017). *Os donos da imaginação: a contação e produção de histórias promovendo o interesse e a participação de adolescentes em atividades escolares*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Barbosa, R. M.; Marinho-Araújo, C. M (2010). Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 393-402.
- Bock, A. M. B (2007). A Adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE*, 2(1), 63-76.
- Bock, A. M. B (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, 24(62), 26-43.
- Cruces, A.V.V. (2010). Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. In: Almeida, S. F. C. (Org.). *Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional* (pp. 17-35). Campinas, SP: Alínea.
- Cruces, A. A. V (2015). Práticas emergentes em psicologia escolar: novas éticas, novos compromissos. In: *Psicologia escolar e compromisso social: novos discursos, novas práticas*. (3ª ed.). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Dugnani, L. A. C. (2016). *Psicologia escolar e as práticas de gestão na escola: um estudo sobre os processos de mudança mediados pela vontade*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Dugnani, L. A. C., Souza, V. L. T. (2016) Psicologia e gestores escolares: mediações estéticas e semióticas promovendo ações coletivas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 247-259.

- Dugnani, L. A. C., Venâncio, M. M. R & Neves, M. A. P (2016). O uso da música em contextos educativos: investimento na dimensão humana. In: Souza, V. L. T., Petroni, A. P.; Andrada, P. C. (Org). *A Psicologia da Arte e promoção do desenvolvimento e da aprendizagem* (pp. 63-79). São Paulo: Edições Loyola.
- Ernst, Bruno (2007). O espelho mágico de M. C. Escher. [S.l.]: Taschen.
- Heller, A. (1989). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (2018). *Censo Escolar 2017*. Brasília: MEC.
- Instituto Unibanco (2016). *Quem são os jovens fora da escola*. Aprendizagem em Foco - nº 5 – fev. Obtido em 16 julho de 2018. Recuperado de: <http://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/5/>
- Neves, M. A. P. (2015). *Psicologia escolar e música: mobilizando afetos e promovendo vivências na classe de recuperação*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Oliveira, C. R. de. A indiferença de estudantes do ensino médio pelo conhecimento escolarizado: reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural. 2017. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Ozella, S.; Aguiar, W. M. (2008). Desmistificando a concepção da adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
- Pederiva, P. L.M.; Tunes, E. (2013). Da atividade musical e sua expressão psicológica. Curitiba: Editora Appris.
- Petroni, A. P. (2013). *Psicologia escolar e arte: possibilidades e limites da atuação do psicólogo na promoção da ampliação da consciência de gestores*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Petroni, A. P, Pissolatti, L (2016). As imagens como materialidade artística no trabalho do psicólogo em práticas educativas: possibilidades de ampliação da consciência. In: Souza, V.L.T., Petroni, A. P & Andrada, P. C. (Org). *A Psicologia da Arte e promoção do desenvolvimento e da aprendizagem* (pp. 81 – 97). São Paulo: Edições Loyola.
- Petroni, A. P., Souza, V. L. T. (2014). Psicólogo escolar e equipe gestora: tensões e contradições de uma parceria. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(2), 444- 459.
- Sarriera, J. C.; Rocha, K. B.; Pizzinato, A. (org.). (2004). *Desafio do Mundo do Trabalho: Orientação, Inserção e Mudanças*. Porto Alegre: EDPUCRS.
- Silva Neto, W. M. F., Guzzo, R. S. L.; Moreira, A. P. (2014). Estagiários de psicologia na escola: o que os bastidores revelam para a formação profissional? In R. S. L. Guzzo

(Org.). *Psicologia Escolar: Desafios e bastidores na educação pública* (pp. 197-216). Campinas, SP: Alínea.

- Souza, V. L. T. (2014). A constituição identitária do professor de psicologia: quem forma o formador? *Psicologia: Ensino & Formação*, 5(1), 64-82.
- Souza, V. L. T. (2016). Contribuições da Psicologia à compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem. In: Souza, V. L. T., Petroni, A. P. & Andrada, P.C. (org.). *A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem* (pp. 11-28). São Paulo: Edições Loyola.
- Souza, V. L. T. (1998). Olhares e dizeres revelando a identidade de professoras: refletindo sobre a formação docente (Dissertação de mestrado não-publicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Souza, V. L. T. & Andrada, P. C. (2013). Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(3), 355-365.
- Souza, V. L. T., Dugnani, L. A. C., Barbosa, E. T., Jesus, J. S., & Neves, M. A. P. (2016). As mediações estéticas como estratégia de atuação do psicólogo em classes de recuperação. In M. V. Dazzani & V. L. T. Souza (Orgs.), *Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais* (pp.205-220). Campinas: Alínea.
- Souza, V. L. T., Dugnani, L. A. C., Petroni, A. P., Andrada, P. C. (2015). A síntese como registro reflexivo no trabalho do psicólogo escolar com gestores. *Psicologia da Educação*, 41(2), 83-94.
- Souza, V. L. T, Dugnani, L. A. C., Reis, E. C. G. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(4), p. 385-388.
- Souza, V. L. T.; Petroni, A. P., Andrada, P. C. (2013). A Afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 527-537.
- Souza, V. L. T.; Petroni, A. P.; Dugnani, L.A.C. (2011). A Arte como mediação nas Pesquisas e Intervenção em Psicologia Escolar: In: Guzzo, R.S & Marinho-Araújo, C.M. (org.). *Psicologia escolar: identificando e superando barreiras* (pp. 261-285). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Vigotski, L. S. (1935/2010). Quarta aula: a questão do meio na psicologia (M. P. Vinha, Trad.). *Psicologia USP*, 21(4), p. 681-701.
- Vigotski, L. S. (1997). Obras escogidas IV: Paidología del adolescente Problemas de la psicología infantil (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor y A. Machado Libros. (Obra original publicada em 1930).

- Vygotsky, L. S. (2009). *La Imaginacion y el arte en la infancia*. Madrid: Akal. (Originalmente publicado em 1930).
- Vygotski, L. S. (1931/2006) *Obras escogidas. Tomo III*. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor.
- Vokoy, T.; Pedrosa, R. L. S (2007). Psicologia escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 95-104.
- Vygotsky, L.S. (1934/2012). *Obras escogidas IV – Paidología del adolescente*. Problemas de la psicología infantil. Madrid: A. Machado Libros.
- Vygotsky, L. S. (2004). *A transformação socialista do homem*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mestranformacao.htm>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- Vygotsky, L.S. (1925/2001). *Psicologia da arte*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- Waiselfisz, J. J (2016). *Mapa da Violência 2016 – Homicídios por arma de fogo no Brasil*. Flacso Brasil. Obtido em 15 julho de 2018. Recuperado de: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf

ANEXOS

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (responsáveis)

O seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa **“ADOLESCÊNCIA, IMAGINAÇÃO E EMOÇÕES: REFLEXÕES SOBRE TRABALHO E PERSPECTIVA DE FUTURO NO ENSINO MÉDIO”**; realizada pela pesquisadora Elaine de Cássia Gonçalves dos Reis, orientada pela Prof.^a Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza, que tem por objetivo investigar o potencial da arte na mobilização da reflexão de alunos do ensino médio público sobre futuro, trabalho e profissões. Para tal, peço que, caso concorde com os termos abaixo, preencha com os seus dados e assine este documento.

Declaro ter sido informado que as informações deste estudo serão coletadas em encontros semanais pré-agendados, durante a aula regular desta instituição, que serão realizados no decorrer de seis meses letivos no ano de 2018 e que estes encontros serão mediados por expressões artísticas tais como: filme, documentário, música e desenhos.

Por este instrumento dou plena autorização para que qualquer informação obtida durante a pesquisa seja utilizada para fins de divulgação em livros, jornais e revistas científicas, desde que seja reservado sigilo absoluto de minha identidade, garantia a mim concedida pela pesquisadora. Declaro ainda ciência de que todas as informações dos encontros serão gravadas e posteriormente transcritas, e que as informações serão utilizadas como dados deste estudo, sejam elas textos escritos ou imagens fotografadas.

Declaro que a participação de meu filho neste estudo é voluntária e sem ônus. Entendo também que é garantido o direito de interromper participação do meu filho a qualquer tempo que me convier, bastando para tal apenas manifestar oralmente minha intenção à pesquisadora, sem nenhum ônus.

Compreendo que embora meu filho não seja exposto a nenhum risco adverso diferente do que é submetido em meu cotidiano, há o risco, ao participar deste estudo, de que ele se sinta incomodado emocionalmente ou fragilizado diante das atividades propostas. Diante de qualquer sintoma que coloque em risco o bem-estar emocional dele, compreendo que posso solicitar à pesquisadora assistência psicológica, e que esta me será oferecida pela mesma, pelo tempo que for necessário e sem ônus.

Informações adicionais a respeito da pesquisa poderão ser solicitadas diretamente com a pesquisadora através do e-mail elainepsic@yahoo.com.br ou pelo telefone (35) 99803-3042, em horário comercial, das 08h as 12h e das 14h as 18h. Ou ainda com a orientadora da pesquisa Prof. Dr. Vera Lucia Trevisan de Souza, pelo e-mail vera.trevisan@uol.com.br.

Em caso de **dúvidas relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa**, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-CAMPINAS; telefone: (19) 3343-6777; e-mail: comitedeetica@puccampinas.edu.br; endereço: Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas-SP, CEP: 13086-900; horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 08h00 às 17h00.

Declaro que recebi todos os esclarecimentos e dúvidas sobre a pesquisa, bem como sobre a utilização desta documentação para fins acadêmicos e científicos. Por fim, declaro que recebi uma cópia deste Temo de Consentimento Livre e Esclarecido.

_____de_____de_____.

Elaine de Cássia Gonçalves dos Reis

Assinatura do responsável

Anexo II**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do menor

Informações adicionais a respeito da pesquisa poderão ser solicitadas diretamente com a pesquisadora através do e-mail: elainepsic@yahoo.com.br, ou pelo telefone (35) 9 9803-3042, em horário comercial, das 08h às 12h e das 14h às 18h. Ou ainda com a orientadora da pesquisa Prof. Dr. Vera Lúcia Trevisan de Souza, pelo e-mail vera.trevisan@uol.com.br. Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-CAMPINAS; telefone: (19) 3343- 6777; e-mail: comitedeetica@puccampinas.edu.br; endereço: Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas-SP, CEP: 13086-900; horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 08h00 às 17h00.

_____, _____ de _____ de _____.

Anexo III

Cronograma dos Encontros

Data DC =Diário de Campo	Materialidade / Apreciação e Objetivo	Sobre a Materialidade / Atividades realizadas
04/04/2017 DC 01	-	Observação das turmas
11/04/2017 DC 02	-	Observação das turmas
18/04/2017 DC 03	<p>Materialidades:</p> <p>Texto – Minha História</p> <p>Documentário - Oficinas de Profissões (Projeto 2016 realizado com os alunos que cursavam o 1º ano);</p> <p>Objetivo: reflexões com os alunos sobre as Oficinas de Profissões realizadas no ano anterior</p>	<p>Minha apresentação – Leitura da minha história;</p> <p>Roda de conversa – apresentação dos alunos;</p>
18/04/2017 DC 04	<p>Materialidades:</p> <p>Documentário - Oficinas de Profissões</p> <p>Objetivo: reflexões com os alunos sobre as Oficinas de Profissões realizadas no ano anterior.</p>	<p>Vídeo - (Projeto 2016 realizado com os alunos que cursavam o 1º ano);</p> <p>Roda de conversa;</p>

<p>02/05/2017 DC 06</p> <p>Participante s . 2° C . 2° D</p>	<p>Materialidades:</p> <p>Poema <i>O tempo</i> - poeta Mário Quintana;</p> <p>Música - <i>Tempo Perdido</i> - Banda Legião Urbana;</p> <p>Apreciação:</p> <p>Leitura do poema, seguida de reflexão a partir das questões relacionadas à vivência do tempo: o que fazem durante o tempo que passam na escola? – e fora da escola? – Como sentem a passagem do tempo e sua relação com ele? O que pensam sobre a expressão “<i>perdendo tempo</i>”?</p> <p>Audição da música <i>Tempo Perdido</i> da banda Legião Urbana;</p> <p>Objetivo: reflexões sobre os relacionamentos que constituem a <i>adolescência, e seus impactos em suas vidas atual e futura.</i></p>	<p>Produções de textos respondendo à pergunta: como se imaginam daqui a 10 anos?</p>
<p>09/05/2017 DC 06</p> <p>Participantes: . 2° C . 2° D</p>	<p>Materialidades:</p> <p>Entrevista em vídeo com o rapper Criolo, com foco na sua história de vida.</p> <p>Apreciação</p> <p>Assistir à entrevista observando os pontos/momentos de virada na história de vida do artista, comparando com um texto escrito de sua biografia, em que aparecem influências de outros cantores. Discussão sobre as observações.</p>	<p>Biografia do rapper brasileiro e cantor de MPB Kleber Cavalcante Gomes – Criolo;</p> <p>Roda de conversa e produção de texto ou desenho sobre o que mais chamou a atenção em relação à história do artista.</p>

<p>16/05/2017 DC 07</p> <p>Participantes: . 2° C . 2° D</p>	<p>Materialidades:</p> <p>Palestra do fotógrafo brasileiro <i>Sebastião Salgado: O Drama Silencioso da Fotografia</i>; Reproduções de 24 fotografias do fotógrafo Sebastião Salgado;</p> <p>Apreciação Assistir ao vídeo observando as emoções expressas pelo artista;</p> <p>Observação das fotografias apresentadas em PowerPoint, acompanhada de comentários dos estudantes (o que veem o que sentem?)</p>	<p>Produção de uma história a partir de uma ou mais fotografias apreciadas</p>
<p>30/05/2017 4° Encontro DC 08</p> <p>Participantes: . 2° C . 2° D</p>	<p>Materialidades:</p> <p>Música: <i>Uma vida só</i> (Banda O Rappa)</p> <p>Audição da música <i>Uma Vida Só</i> da Banda O Rappa;</p> <p>Seguida do convite à reflexão sobre suas histórias, passado e futuro, propondo as seguintes questões: Quem esteve presente em sua história? – quais pessoas passaram e passam por sua história? – De que modo as pessoas e situações refletem em suas emoções e escolhas?</p> <p>Refletir sobre os relacionamentos que constituem a sua <i>história</i>, e seu impacto nas suas vidas atual e futura.</p>	

<p>06/06/2017</p> <p>DC 09</p> <p><i>Participantes:</i></p> <p>. 2° C - 28</p> <p>. 2° D - 22</p>	<p>Materialidades:</p> <p>Reproduções de quatro quadros de <i>Maurits Cornelis Escher</i></p> <p>Apreciação</p> <p>Imagens e respostas a partir dos questionamentos: quais os sentimentos, pensamentos e relações estabelecidas?</p>	<p><i>Cornelis Escher</i>: “Relativity” ou “Casa de Escadas” (1953) / “Subindo e Descendo” (1960) e “Day and night” (1938);</p> <p>Produção de desenho inspirado nas obras apreciadas e nas discussões a partir das questões.</p>
<p>08/08/2017</p> <p>DC 10</p> <p><i>Participantes:</i></p> <p>. 2° C</p> <p>. 2° D</p>	<p>Materialidades:</p> <p>Texto “Nossos Caminhos”, -Música <i>Vilarejo</i> – (Marisa Monte);</p> <p>Apreciação:</p> <p>Leitura do texto pela pesquisadora; Apresentação musical da pesquisadora. Conversa com os alunos sobre o texto e a música: quais sentidos atribuídos.</p>	<p>Texto elaborado pela psicóloga-pesquisadora, abordando suas percepções e emoções vivenciadas durante os encontros realizados no 1° semestre.</p> <p>Roda de conversa sobre os realizados no 1° semestre.</p>

<p>Setembro e Outubro 2017</p> <p>DCs (11, 12, 13, 14, 15)</p> <p>Oficinas de Profissões:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Teatro -Jornalismo; -Psicologia; - Medicina -Veterinária; -Aviação 	<p>Encontros realizados durante os meses de setembro e outubro de 2017; a cada semana contamos com a presença de um profissional com formação e atuação nas respectivas áreas;</p> <p>Os profissionais convidados narraram suas histórias, com ênfase às suas escolhas profissionais ocorridas desde o ensino médio; experiências durante a graduação; e compartilhamento de sentimentos e experiências de suas profissões;</p> <p>- Discussões sobre: Como é trabalhar nessa profissão? - Quais os <i>caminhos percorridos</i>? - Como se sente trabalhando nessa área?</p>	<p>Rodas de conversa em todas as Oficinas: os alunos foram convidados a formular perguntas sobre as profissões apresentadas;</p> <p>Após as apresentações dos profissionais os alunos faziam as perguntas previamente formuladas e perguntas elaboradas durante a fala dos profissionais.</p>
<p>07/11/2017 DC 16</p>	<p>--</p>	<p>Conversa com os alunos sobre as oficinas de profissões.</p>
<p>14/11/2017 DC 17</p>	<p>-</p>	<p>Encerramento (conversa sobre o todos os encontros de 2017).</p>
<p>13/09/2018 DC 26</p>	<p>Documentário <i>Nunca me sonharam</i></p>	<p>Nunca me sonharam é um documentário que traça um panorama sobre o ensino médio nas escolas públicas do Brasil sob diferentes pontos de vista, principalmente a partir dos estudantes. Isso é mostrado através de relatos de jovens, professores, diretores de escolas e especialistas. O foco é o valor da educação; Os desafios do presente, as expectativas para o futuro e os sonhos de quem vive essa realidade.</p>

<p>15/11/2018</p> <p>DC 33</p>	<p>Imagem Sergio Ricciuto</p>	<p>Produção do artista a partir de relatos da psicóloga- pesquisadora sobre o projeto desenvolvido com os alunos;</p> <p>Texto: Quando você me conta sobre essa ação do psicólogo com os alunos do ensino médio, imagino um rosto de perfil, composto por vários rostos. Vou lhe dizer, me inspira a imaginar esse rosto, onde no limite da cabeça aparece uma paleta, como se esse limite fosse cortado por uma paleta com cores vibrantes. Imagino também um chapéu do século passado e uma queda de elementos musicais e literários; me faz pensar que o estilo desse rosto é bastante colorido, e ao mesmo tempo com volumes, despontando esses vários rostos que representam a coletividade, o trabalho em grupo, a vontade de conversar, da busca por uma verdade comunitária. Esse rosto direcionado para um horizonte... imagino muitas cores na paleta, vendo a questão da arte nessa sua ação como pista para a verdade. A cabeça que se abre a uma verdade para além do próprio umbigo, para além de si e que vai ocupando seu lugar no tempo e no espaço!</p> <p>Artista Sergio Ricciuto Conte em 12 de outubro de 2018, após conversar com a psicóloga-pesquisadora sobre o trabalho do Psicólogo</p> <p>Escolar na mobilização de vivências de alunos do ensino médio público sobre suas vidas: atual e futura.</p> <p>Roda de conversa e texto sobre o que o projeto representou pra cada um.</p>
<p>Foram 33 encontros realizados durante o processo de pesquisa-intervenção. Optamos em fazer um recorte dos encontros realizados no ano 2018 – descrevendo nesta tabela apenas os encontros que trouxemos da análise e discussão dos resultados.</p>		

Anexo IV

Organização dos Diários de Campo e Produções 1º Eixo

Tema	Diário	Trecho
Aproximação	(DC 01, 1º dia de observação, 04/04/2017)	[...]. A curiosidade dos alunos mobilizou as primeiras perguntas - oi dona, o que a senhora vai fazer mesmo? - [...] dona, a senhora vai dar aula de psicologia? - melhor você ficar sentada desse lado mesmo, o lado de lá é de meninos [...] aqui é assim, fica menino de um lado e menina de outro (SIC) (Aluna Laura)
Relação com os pares/Relação com a escola	(DC 05 – 02/05/2017)	[...] entra a professora Olívia e grita: <i>“mas já está assim? – já vou avisando que hoje não estou pra brincadeira”</i> . [...] <i>“olha, você pode até tentar, mas essa turma é insuportável, boa sorte”</i> ... [...] <i>“Elaine, o que a gente vai fazer hoje”? – “melhor começar logo porque a dona hoje está estressada”</i> – [...] <i>“saíam da minha sala agora”</i> – <i>“estou mandando e vocês que me respeitem”</i> .
	(DC 05 – 02/05/2017).	[...] disse acho que a gente só perde tempo aqui na escola, não gosto de vir para a escola... só tem coisa chata. (SIC) [...] Eu concordo, tem um monte de coisas que a gente não sabe para que vai servir... perde tempo porque a gente tá aqui e queria estar no celular

Identificação	(DC – 06 - 09/05/2017)	<p>[...] <i>ele não arrogante, entende o que eu quero dizer, dona? – sei lá, não é ignorante. Ele tem a humildade de falar que o RAP que é grandioso, ele não. Mano, acho que só de pensar assim ele já é grande pra mim (sic)[...]. A turma estava demonstrando envolvimento, [...] do lance de que é classe C é porque não tirou nem A nem B, fala dessas diferenças sei bem como é isso (sic)</i></p>
Exclusão/ Julgament o	(DC – 06 - 09/05/2017)	<p>[...] <i>nós sente na pele essa fita. Sabe o que é você tá na rua e vê uma dona atravessando a rua pra não passar perto? – [...] tipo, pensa que você é folgado, ladrão, discrimina na moral, [...] “eu curti quando ele falou se coloca na condição de pedra, para as pessoas te respeitarem [...] tipo assim, ter o seu lugar (sic) (Ana Júlia) - (DC - 06 - 09/05/2017).</i></p> <p>[...] <i>Ninguém chega em um lugar diferente sozinho (sic) (Maria)</i></p>

<p>Desespero / Medo</p>	<p>(DC – 26 – 13/09/2018).</p>	<p>[...] como foi o E.M para vocês? (Psicóloga) – Any: <i>Sinceramente, foi ruim</i> (sic) - Luciana: <i>ah, não acho que foi ruim, passou rápido demais</i> (sic) – Any: <i>sim, isso</i> - Luciana: <i>nossa, dona dá desespero</i> (sic) - Tobias: <i>“É que agora nós estamos com 17 anos, daqui a pouco nós estamos com 18, e se bobear... se a gente completar 22 anos e não ter nenhum carro, nenhuma moto vai ser a maior tiração para o nosso lado, não é não, galera? Fala aí?”</i> (sic) [...] (Tobias). [...] <i>é que na verdade, dona, a gente sente tanto medo porque vai ser a primeira vez que a gente vai estar do outro lado da moeda, em todos esses anos a gente foi aluno, foi aluno, só isso. Alguns trabalham, mas a maioria não. É isso, dá um desespero, eu não posso ir mais na escola, eu vou ter que trabalhar, se eu não fizer aquilo, eu não como, eu não tenho nada</i> (sic) - <i>eu não me imagino trabalhando não</i> (Alessandra) - <i>eu nem sei se eu vou saber</i> (sic) (Rafa) [...] <i>é muita fita que acontece, tá ligado - Fora todo jogo emocional que você tem dentro de você, tá ligado. Ao mesmo tempo pensando em várias fitas. [...] Eu julgo por mim, mano, é muita coisa e você fica confuso. É muita coisa acontecendo e você não tá sabendo guardar ou atualizar essas informações</i> (sic) (Tobias).</p>
-----------------------------	--------------------------------	--

<p>Consciência de si / realidade</p>	<p>(DC – 26 – 13/09/2018)</p>	<p>[...]. <i>Eu cobro muito de mim essa fita, trabalhar, ter dinheiro, eu não vim de berço de ouro, dona primeiro que também você sabe que ninguém aqui vem de um berço de ouro. Já passei vários perreco, dona, já balancei a parede de goma e vi a minha vizinha, tá ligado, já fui dormir com a minha mãe falando, toma um gole d'água aí e deita que passa a fome. Hoje não, hoje graças a Deus meu pai tem um serviço bom. Então, essa fita que aconteceu comigo me fez pensar. Mano, você tem que tramar, você tem que ser alguém. Não tem como eu não dizer que essa cobrança maior é sobre mim. O foco sou eu e minha família me ajudando, meus parceiros também. Só que não dá pra chegar no parceiro e dizer par ele te dar cem reais para você comprar um lanche ou algo assim. Eu que tenho que acordar às 5 da manhã, para sair às 6 e meia e ainda pra depois às 6 e meia da tarde vir para a escola e tem que vir, não tem outro jeito (sic), (Tobias).</i></p> <p>[...] a real é que a gente não se entende, cada um tem seu pensamento, cada um tem sua forma, seu jeito, e a gente gosta mesmo é de trocar essas ideias aqui, saber que vocês vêm aqui e escuta a gente de verdade, na real o que mais importa para gente agora é isso, o resto é resto (sic), (Paulo) - Eu entendo isso que ele tá dizendo das diferenças, mas quando fala de serviço e sofrimento, eu acho que a gente é igual, todos nós passamos por alguma coisa parecida para estar aqui com você desenvolvendo essas ideias. (sic) – (Tobias).</p>
	<p>(DC – 26 – 13/09/2018)</p>	

Anexo V

Organização dos Diários de Campo e Produções 2º Eixo

Tema	Diário	Trecho
Envolvimento	(DC 07 – 16/05/2017).	<p>[...] naquela noite, cheguei um pouco mais cedo, como costumava fazer nas semanas que demandavam uma preparação de equipamentos de áudio, vídeo e projeções de imagens. Ao ouvir o sinal para o início da segunda aula, fui em direção à porta para receber os alunos da turma do 2º C que viriam até a sala para o nosso encontro. De pouco em pouco os alunos entraram na sala, enquanto alguns me cumprimentaram com aperto de mão, outros cabisbaixos disseram boa noite e se sentaram; um grupo de garotos chegou e ficou na frente da sala, entre eles o aluno Caleb, que perguntava qual filme iriam assistir.</p> <p>[...] Iris recordou que ouvimos juntos uma música da banda O Rappa, só que não lembrava o nome da música, apenas se lembrava que falava da história de um rapaz e que é importante aproveitar a vida, muitos riram [...] outros alunos também comentaram sobre a música e as atividades da semana anterior, então falei um pouco mais a respeito, complementando o que Iris trouxe. [...] era possível perceber que os alunos estavam curiosos em relação ao que faríamos naquele dia. O aluno Ezequiel me perguntou se precisava de ajuda com o projetor e se podíamos iniciar logo, pois queria saber o que iríamos assistir.</p>

		<p>Durante a exibição das fotografias os alunos se mantiveram atentos, e em alguns momentos comentavam em voz baixa com o colega ao lado, mas era possível ouvir apenas o barulho do lado de fora da sala. Percebi que estavam se envolvendo de um modo diferente, principalmente porque em determinados momentos a turma fazia silêncio absoluto [...] Percebi a aluna Ana Júlia, sentada ao lado de Clay e Maria, chorou e foi acariciada pelos colegas [...]</p>
	<p>(DC 08 – 30/ 05/2017).</p>	<p>[...] durante a audição da música percebi que as alunas, Ana Júlia e Maria estavam cantando baixinho. Observei também que alguns alunos faziam barulho batendo na carteira, em uma tentativa de acompanhar o ritmo da música. Sentado ao meu lado estava o professor José Antônio, que comentou que achava que os alunos estavam gostando. Quando estávamos quase concluindo a audição, três alunos que estavam fora da sala entraram, quando terminamos de ouvir, os três alunos pediram se poderíamos ouvir de novo, então os colegas responderam que queriam ouvir também. [...] o aluno Caio se levantou em direção à frente da sala onde estavam as imagens e disse para os colegas que estavam sentados ao seu redor.</p>

<p>Curiosidade/ Participação</p>	<p>(DC 09 – 06/ 06/2017).</p>	<p>- <i>Gente vamos... vocês vão ficar aí parados?[...] eu vou ver bem de pertinho, tem muita informação e de longe não dá pra ver (sic).</i> Enquanto ele contemplava a primeira imagem disse: <i>É muito legal ver de perto, a gente descobre mais coisas (sic).</i> Naquele momento percebi que aos poucos outros alunos fizeram o mesmo movimento que Caio, indo em direção a imagem que estava exposta, e comentavam entre eles o que percebiam. Enquanto outros permaneceram sentados, conversando sobre a imagem com os colegas do lado [...]. Aguardei por alguns minutos e pedi conversássemos um pouco sobre o que viam na imagem.</p>
<p>Descobertas/ Interação</p>		<p>[...] <i>dona, viajei total. Não dá pra saber para onde os bonequinhos estão indo (sic) disse a aluna Isa – Claro que dá, só que eles vão cada um para um lado, parece que é isso que confunde [...] mas dá pra ver sim, tem gente que tá subindo, tem gente que desce, tem até um com um saco nas costas [...] o que não dá saber é o que eles estão fazendo, acho que estão trabalhando, olha aquele com uma bandeja na mão (sic) comentou Laura. No fundo da sala alguns meninos riam, pedi que eles contassem para a turma, e o aluno Ezequiel comentou – “nós estamos vendo quem o Caio ali” – [...] „eu sou aquele olhando lá de cima” [...] “eu acho que parece um castelo, sim é isso, parece um castelo e lá dentro as pessoas estão fazendo muitas coisas, mas péra, tem gente de fora também – disse Ezequiel.</i></p>

<p>Possibilidade de escolhas / Memórias e afetos</p>	<p>(DC 09 – 06/ 06/2017).</p>	<p>“<i>vish, agora sei, é castelo mesmo. Aquele da outra imagem era o lado de dentro e esse é o lado de fora [...] e esses bonequinhos estão procurando por onde entrar (sic) Ezequiel - “parece que vai rolar uma festa, ou sei lá, tipo quando a gente tá entrando na escola, tá ligado (sic) – Caleb. Os alunos conversavam bastante entre eles, me chamou a atenção o quanto eles se mostraram envolvidos com as imagens. Por um longo tempo trocaram opiniões e sugestões [...] a aluna Isa volta a comentar e dessa vez olhando em minha direção – “Dona, parece uma casa antiga, me lembrei da casa da minha vó que também tinha escada por fora pra entrar” (sic) (Amanda) – “eu acho que a dona trouxe porque é igual a nossa vida, vai chegar uma hora que a gente vai ter saber para onde vai, para que lado vai” (sic) – Ezequiel.</i></p>
<p>Gratidão</p>	<p>(DC 31 - 15/11/2018).</p>	<p>[...] dia de conclusão do trabalho realizado com os alunos. Três anos dedicados ao projeto com os alunos do ensino médio, sendo dois destes anos dedicados à pesquisa- intervenção, que também se encerra. Sinto uma transformação [...] transformação que não se revela apenas por meio do que demonstraram os alunos, mas também a minha transformação como psicóloga-pesquisadora. Hoje me recordo do primeiro dia indo à escola no período noturno, quando me senti <i>medo</i>, mas busquei me encorajar na tentativa de contribuir com os alunos e com a escola. Hoje, a gratidão dos alunos me fez perceber o quanto foi importante a realização deste trabalho [...] encerramos com a certeza de que temos muitos caminhos a percorrer.</p>